

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) DANIEL ALISON FERREIRA E SILVA

**A PROJEÇÃO DE PODER DE CHINA E RÚSSIA NA ÁFRICA OCIDENTAL:  
Análise Comparativa das Estratégias e seus Reflexos Geopolíticos para o  
Brasil**

Rio de Janeiro

2025

CC (FN) DANIEL ALISON FERREIRA E SILVA

**A PROJEÇÃO DE PODER DE CHINA E RÚSSIA NA ÁFRICA OCIDENTAL:  
Análise Comparativa das Estratégias e seus Reflexos Geopolíticos para o  
Brasil**

Dissertação apresentada à Escola de  
Guerra Naval, como requisito parcial  
para conclusão do Curso de Estado-  
Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF LEMOS ALVES

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2025

## **DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR**

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, que me presenteia diariamente com a dádiva da vida.

À minha esposa, Simone e meu filho Leonardo, por serem bênçãos em minha vida e alicerce inabalável de apoio e amor, que com paciência e carinho compreendem minhas ausências em prol da profissão. Vocês foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais, Osvaldo e Efigênia, *in memoriam*, por todo o sacrifício que fizeram ao longo de suas vidas para cuidar e educar seus filhos. Seus exemplos nunca serão esquecidos.

Aos meus sogros, Paulo Cezar e Neuza, que sempre estiveram por perto apoiando e torcendo por mim.

Ao Vice-Almirante (RM1-FN) Lage, meu chefe por mais de 5 anos, pelos conselhos e exemplos profissionais e pessoais que carregarei ao longo da vida.

Ao meu orientador Capitão de Fragata Lemos Alves pela disponibilidade, orientações e sugestões que me fizeram aprofundar na pesquisa.

Aos meus amigos do CEMOS 2025, pelo apoio e amizade ao longo do curso.

“Quanto mais longe estivermos  
do nosso mar territorial, mais  
segura estará a pátria atrás  
de nós”

Captain Liu Zhe  
Oficial da Marinha do  
Exército de Libertação  
Popular da China

## RESUMO

Este trabalho analisa comparativamente a influência da China e da Rússia na África Ocidental, com foco nos casos da Nigéria e de Gana, e seus reflexos para o Entorno Estratégico Brasileiro (EEB). A região, estratégica para o Brasil por sua relevância geopolítica, recursos naturais e conexão com o Atlântico Sul, tem recebido crescente atenção de potências extrarregionais. A pesquisa, de abordagem qualitativa e comparativa, baseia-se em análise documental e bibliográfica entre 2000 e 2024. A presença chinesa caracteriza-se por investimentos maciços em infraestrutura, energia, mineração e comércio, complementados por instrumentos de *Soft Power*. A atuação russa prioriza cooperação militar, mineração e energia, associada a iniciativas de *Sharp Power*. Na Nigéria, a China concentra esforços em petróleo, gás, transporte e telecomunicações, enquanto a Rússia investe em defesa, gás natural e alumínio. Em Gana, a China diversifica sua presença, incluindo portos, ferrovias, agricultura e mineração; já a Rússia mantém vínculos históricos e atua em bauxita, educação e cooperação técnica. Apesar de ambas adotarem o princípio da não-interferência e buscarem ampliar sua influência, a China segue uma lógica predominantemente econômica e a Rússia, mais geopolítica e securitária, ambas gerando dependências assimétricas. Para o Brasil, essa intensificação implica desafios à segurança marítima, à integração atlântica e à ZOPACAS, mas também oferece oportunidades de cooperação. Conclui-se que Nigéria e Gana adotam posturas pragmáticas, aproveitando benefícios, mas enfrentando dilemas como endividamento, riscos ambientais, assimetrias comerciais e desafios à governança, exigindo do Brasil maior proatividade diplomática no Atlântico Sul.

**Palavras-chave:** África Ocidental. Entorno Estratégico Brasileiro. China. Rússia. Nigéria. Gana.

## ABSTRACT

### **The Power Projection of China and Russia in West Africa: A Comparative Analysis of Strategies and Their Geopolitical Implications for Brazil**

This study provides a comparative analysis of China's and Russia's influence in West Africa, focusing on the cases of Nigeria and Ghana, and their implications for the Brazilian Strategic Surroundings (EEB). The region, strategic to Brazil due to its geopolitical relevance, natural resources, and connection with the South Atlantic, has increasingly attracted the attention of extra-regional powers. Using a qualitative and comparative approach, the research is based on documentary and bibliographic analysis covering the period from 2000 to 2024. China's presence is characterized by large-scale investments in infrastructure, energy, mining, and trade, complemented by *Soft Power* instruments. Russia's engagement prioritizes military cooperation, mining, and energy, associated with *Sharp Power* initiatives. In Nigeria, China focuses on oil, gas, transport, and telecommunications, while Russia invests in defense, natural gas, and aluminum. In Ghana, China diversifies its involvement, including ports, railways, agriculture, and mining, whereas Russia maintains historical ties and operates in bauxite, education, and technical cooperation. Although both adopt the principle of non-interference and seek to expand their influence, China follows a predominantly economic logic, while Russia's approach is more geopolitical and security-oriented, with both creating asymmetric dependencies. For Brazil, this intensification poses challenges to maritime security, Atlantic integration, and ZOPACAS, but also offers opportunities for cooperation. It is concluded that Nigeria and Ghana adopt pragmatic stances, leveraging benefits while facing dilemmas such as debt, environmental risks, trade asymmetries, and governance challenges, which demand greater Brazilian diplomatic proactivity in the South Atlantic.

**Keywords:** West Africa. Brazilian Strategic Surroundings. China. Russia. Nigeria. Ghana.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                          |    |
|--------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Países da África Ocidental.....                               | 54 |
| Figura 2 – Regiões Geográficas da África.....                            | 54 |
| Figura 3 – Lucros da China com projetos de construção na África.....     | 55 |
| Figura 4 – Empréstimos da China à países africanos 2000 -<br>2023.....   | 55 |
| Figura 5 – Comércio entre China e África.....                            | 56 |
| Figura 6 – Nº. de escalas portuárias da PLAN no Atlântico 2002-2024..... | 56 |
| Figura 7 – Presença militar russa na África.....                         | 57 |
| Figura 8 – Locais que o Grupo Wagner atua na África.....                 | 58 |
| Figura 9 – Mapa Regional das Campanhas de Desinformação na África.....   | 59 |



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|         |   |                                                                                                            |
|---------|---|------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ALSCON  | - | <i>States Aluminium Smelter Company of Nigeria Limited</i><br>(Empresa de Fundição de Alumínio da Nigéria) |
| BIOMAR  | - | Biotecnologia Marinha                                                                                      |
| BOT     | - | <i>Build - Operate - Transfer</i> (Construção - Operação - Transferência)                                  |
| BRI     | - | <i>Belt and Road Initiative</i> (Iniciativa do Cinturão e Rota / Nova Rota da Seda)                        |
| BRICS   | - | <i>Brazil, Russia, India, China and South Africa</i>                                                       |
| CCECC   | - | China Civil Engineering Construction Corporation<br>(Corporação de Construção e Engenharia Civil da China) |
| ECOWAS  | - | <i>Economic Community of West African States</i> (Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental)    |
| EEB     | - | Entorno Estratégico Brasileiro                                                                             |
| END     | - | Estratégia Nacional de Defesa                                                                              |
| EUA     | - | Estados Unidos da América                                                                                  |
| Fig.    | - | Figura                                                                                                     |
| FOCAC   | - | <i>Forum on China-Africa Cooperation</i> (Fórum de Cooperação China - África)                              |
| IDE     | - | Investimento Estrangeiro Direto                                                                            |
| Ipea    | - | Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada                                                                   |
| LBDN    | - | Livro Branco de Defesa Nacional                                                                            |
| Nº.     | - | Número                                                                                                     |
| ONG     | - | Organização Não Governamental                                                                              |
| ONU     | - | Organização das Nações Unidas                                                                              |
| PLAN    | - | <i>People's Liberation Army Navy</i> (Marinha da China)                                                    |
| PND     | - | Política Nacional de Defesa                                                                                |
| SisGAAz | - | Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul                                                                  |
| UE      | - | União Europeia                                                                                             |
| URSS    | - | União das Repúblicas Socialistas Soviéticas                                                                |
| ZOPACAS | - | Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul                                                                  |

## SUMÁRIO

|          |                                                                                                                                                         |           |
|----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                                                  | <b>11</b> |
| <b>2</b> | <b>A ÁFRICA OCIDENTAL E O ENTORNO ESTRATÉGICO<br/>BRASILEIRO.....</b>                                                                                   | <b>14</b> |
| 2.1      | A ÁFRICA OCIDENTAL.....                                                                                                                                 | 14        |
| 2.2      | O CONCEITO DE ENTORNO ESTRATÉGICO.....                                                                                                                  | 14        |
| 2.3      | A ÁFRICA OCIDENTAL E O BRASIL: CONEXÕES HISTÓRICAS E<br>ESTRATÉGICAS NO CONTEXTO DO ENTORNO ESTRATÉGICO<br>BRASILEIRO.....                              | 15        |
| 2.4      | O ATLÂNTICO SUL E SUA IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA.....                                                                                                      | 16        |
| 2.5      | PREOCUPAÇÕES DO BRASIL COM A ÁFRICA OCIDENTAL.....                                                                                                      | 17        |
| <b>3</b> | <b>A PRESENÇA CHINESA NA ÁFRICA: OS CASOS NIGÉRIA E GANA.....</b>                                                                                       | <b>19</b> |
| 3.1      | A CHINA E O CONTINENTE AFRICANO.....                                                                                                                    | 19        |
| 3.2      | ESTUDO DE CASO 1: A INSERÇÃO DA CHINA NA NIGÉRIA.....                                                                                                   | 23        |
| 3.3      | ESTUDO DE CASO 2: A PARCERIA CRESCENTE DA CHINA COM<br>GANA.....                                                                                        | 25        |
| 3.4      | O PADRÃO DE INSERÇÃO CHINESA NA ÁFRICA OCIDENTAL.....                                                                                                   | 28        |
| <b>4</b> | <b>A PRESENÇA RUSSA NA ÁFRICA: OS CASOS DE NIGÉRIA E GANA.....</b>                                                                                      | <b>30</b> |
| 4.1      | ESTRATÉGIAS DE ENGAJAMENTO DA RÚSSIA NA AFRICA.....                                                                                                     | 30        |
| 4.2      | ESTUDO DE CASO 1: A PRESENÇA DA RÚSSIA NA NIGÉRIA.....                                                                                                  | 33        |
| 4.3      | ESTUDO DE CASO 2: O ENGAJAMENTO RUSSO EM GANA.....                                                                                                      | 35        |
| 4.4      | O PADRÃO DE INSERÇÃO RUSSA NA ÁFRICA OCIDENTAL.....                                                                                                     | 37        |
| <b>5</b> | <b>SINGULARIDADES E SIMILARIDADES DA ATUAÇÃO CHINESA E<br/>RUSSA NA ÁFRICA OCIDENTAL E CONSEQUÊNCIAS PARA O<br/>ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO.....</b> | <b>39</b> |
| 5.1      | OBJETIVOS E MOTIVAÇÕES ESTRATÉGICAS.....                                                                                                                | 39        |
| 5.2      | MODALIDADES E FERRAMENTAS DE INFLUÊNCIAS.....                                                                                                           | 40        |
| 5.3      | REFLEXOS E DESAFIOS PARA NIGÉRIA E GANA.....                                                                                                            | 42        |
| 5.4      | RESPOSTAS E PERCEPÇÕES DE NIGÉRIA E GANA.....                                                                                                           | 44        |
| 5.5      | ESTRATÉGIAS SINO-RUSSO E O ENTORNO ESTRATÉGICO<br>BRASILEIRO.....                                                                                       | 44        |

|          |                               |           |
|----------|-------------------------------|-----------|
| <b>6</b> | <b>CONCLUSÃO.....</b>         | <b>46</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b>       | <b>49</b> |
|          | <b>ANEXO A – FIGURAS.....</b> | <b>53</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

As profundas mudanças na ordem internacional contemporânea vêm sendo impulsionadas pela crescente atuação de potências emergentes, como China e Rússia, em regiões estratégicas do globo. Dentre essas regiões destaca-se a África Ocidental, cujo valor geopolítico tem aumentado substancialmente devido aos seus recursos naturais, posição geográfica estratégica e mercados em expansão. Nesse contexto, esta pesquisa analisa a inserção e a influência da China e da Rússia especificamente em dois países-chave da África Ocidental, Nigéria e Gana, e as consequências dessas ações para o Entorno Estratégico Brasileiro (EEB), especialmente no Atlântico Sul.

O conceito de EEB, fundamentado pelo Livro Branco de Defesa Nacional (LBDN), Política Nacional de Defesa (PND) e Estratégia Nacional de Defesa (END), abrange áreas que, embora geograficamente distantes do território brasileiro, possuem relevância direta para os interesses nacionais em segurança, economia e diplomacia. Segundo Silva e Dawood (2023), trata-se de um espaço onde o Brasil procura garantir sua defesa, projetar poder e ampliar sua influência internacional.

Nesse escopo, a costa ocidental africana destaca-se como uma importante região, não apenas devido aos laços históricos e culturais, mas também pelos desafios e oportunidades contemporâneas que oferece ao Brasil.

A importância desse trabalho justifica-se pela necessidade de compreender as dinâmicas atuais de inserção extrarregional na África Ocidental e suas consequências diretas para o Brasil. Sob a perspectiva teórica, o estudo baseia-se principalmente nas premissas do Realismo, que considera o poder e a segurança como elementos centrais das relações internacionais. Além disso, incorpora os conceitos de *Soft Power*<sup>1</sup> e *Sharp Power*<sup>2</sup>, fundamentais para entender as diferentes abordagens utilizadas por China e Rússia na região.

A presença chinesa na África Ocidental caracteriza-se predominantemente por grandes investimentos em infraestrutura, energia e comércio, acompanhados por iniciativas de intercâmbios culturais e

---

<sup>1</sup> Esse conceito será apresentado no capítulo 3.

<sup>2</sup> Esse conceito será apresentado no capítulo 5.

educacionais (Mingst, 2011).

Por outro lado, a Rússia concentra sua atuação principalmente na cooperação militar e em setores estratégicos como energia nuclear e mineração. Sua abordagem, embora mais pontual do que a chinesa, exerce impacto significativo na segurança e estabilidade regional, influenciando diretamente os equilíbrios políticos e militares na África Ocidental.

Considerando o apresentado, o propósito dessa pesquisa consiste em analisar as estratégias de atuação da China e da Rússia em Nigéria e Gana, identificando suas similaridades e singularidades, e avaliar como tais dinâmicas influenciam o EEB.

Ademais, os objetivos específicos desta pesquisa concentram-se em examinar as ações estratégicas empreendidas por China e Rússia na Nigéria e em Gana, identificando e analisando os resultados dessas estratégias nos âmbitos econômico, político e securitário locais, bem como compreender as consequências dessas inserções extrarregionais para os interesses estratégicos do Brasil, com especial atenção à segurança marítima e à cooperação regional.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem comparativa, apoiada em análises documentais e bibliográficas, delimitada no período entre 2000 e 2024. A estrutura do trabalho está organizada em seis capítulos. Após a corrente introdução, o segundo capítulo apresenta o conceito de entorno estratégico, detalhando seus reflexos geopolíticos, conexões históricas e contemporâneas com a África Ocidental, abordando aspectos como segurança marítima, economia e cooperação diplomática.

O terceiro capítulo analisa as estratégias chinesas de inserção econômica, investimentos em infraestrutura, energia e telecomunicações, iniciativas de *Soft Power*, percepções locais sobre essa presença e reflexos socioeconômicos e ambientais decorrentes.

No quarto capítulo, as estratégias russas de atuação são detalhadas, destacando a cooperação militar, exploração de recursos minerais e energéticos, iniciativas de *Sharp Power*, bem como as consequências políticas e securitárias dessa presença.

No quinto capítulo, as constatações apuradas nos capítulos três e quatro serão contrastadas em uma análise comparativa, identificando convergências e divergências nas abordagens chinesas e russas, com foco nos objetivos

estratégicos e ferramentas utilizadas por esses países, além dos desafios enfrentados e as respostas locais dos países africanos diante dessas inserções.

Por fim, no sexto capítulo, os principais achados da pesquisa são resumidos, apresentado as conclusões deste pesquisador para fortalecer a presença brasileira na região.

Ao explorar essas dinâmicas contemporâneas, espera-se contribuir com subsídios relevantes, fortalecendo a compreensão estratégica e permitindo ações mais assertivas e eficazes do Brasil no cenário geopolítico atual.

## 2 A ÁFRICA OCIDENTAL E O ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO

### 2.1 A ÁFRICA OCIDENTAL

Ao longo deste trabalho, adota-se uma distinção necessária entre os termos África Ocidental e costa ocidental da África, frequentemente utilizados de forma intercambiável, mas com implicações geopolíticas distintas. A África Ocidental é formada por 19 países (Fig. 1 e 2), dos quais 15 são membros da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (ECOWAS, sigla em inglês)<sup>3</sup>, abrangendo áreas litorâneas e interiores do continente. Em contrapartida, o termo costa ocidental da África é mais amplo e pode incluir países banhados pelo mar atlântico e pertencentes às regiões africanas Central e Meridional.

É importante observar que, embora parte da África Ocidental seja litorânea, uma parcela de seus países estão localizados no Atlântico Norte e outra parcela na transição com o Atlântico Sul. No entanto, a instabilidade ou presença de potências extrarregionais em sua faixa marítima, como no Golfo da Guiné, afeta diretamente os fluxos comerciais e os interesses de segurança do Brasil, mesmo não compartilhando diretamente as águas do Atlântico Sul.

### 2.2 O CONCEITO DE ENTORNO ESTRATÉGICO

Segundo o LBDN, a PND e a END, documentos que orientam a segurança e defesa do Brasil, o EEB é delimitado pela área geográfica que inclui a América do Sul, o Atlântico Sul, os países da costa ocidental africana e a Antártica. Em que pese não haver uma definição explícita do conceito, acadêmicos dessa área adotam como “um espaço no qual o Brasil pretende garantir a própria defesa contra ameaças concretas ou potenciais e projetar poder de modo a aumentar sua presença e influência internacional” (Paiva, 2013, p. 2, *apud* Silva; Dawood, 2023, p. 155).

Esse entendimento é complementado por uma visão mais abrangente, de que o entorno estratégico deve ser analisado também à luz das dinâmicas de

---

<sup>3</sup> Organização de integração regional com o objetivo de promover o comércio, a cooperação e o desenvolvimento (Encyclopaedia Britannica, 2025a).

segurança e das oscilações na estabilidade regional que possam afetar os interesses nacionais. Silva e Dawood (2023), por exemplo, definem esse espaço como aquele em que desenvolvimentos no campo estratégico-militar e dinâmicas de segurança são capazes de afetar, de modo significativo, interesses do País no plano da defesa.

Todavia, a concepção contemporânea vai além da dimensão militar. Silva e Dawood (2023) apontam que o conceito interage com uma política externa que busca irradiar a liderança diplomática, econômica e militar do Brasil em regiões como a América do Sul, a costa ocidental africana, a Antártica e o Atlântico Sul.

Sendo assim, a formulação do conceito de entorno estratégico representou uma inovação nas relações exteriores do país. Trata-se de uma noção que busca articular dimensões geográficas, políticas, econômicas e militares, orientando a atuação internacional do Brasil para além das fronteiras nacionais (Silva; Dawood, 2023).

### 2.3 A ÁFRICA OCIDENTAL E O BRASIL: CONEXÕES HISTÓRICAS E ESTRATÉGICAS NO CONTEXTO DO ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO

Historicamente, a relação entre o Brasil e a África Ocidental foi moldada pelo tráfico atlântico de escravizados, pelas conexões culturais, linguísticas e religiosas, e pelas dinâmicas de poder entre as potências coloniais europeias. A África Ocidental, ao longo do período colonial, foi um dos principais pontos de extração de mão de obra africana destinada ao Brasil (Jorge, 2018).

Do ponto de vista geoestratégico, a costa atlântica da África Ocidental é fundamental para o Brasil. Esse reconhecimento aponta para a necessidade de aprofundar as relações diplomáticas, militares e comerciais com os países da África Ocidental, entre os quais se destacam Nigéria, Gana, Senegal, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Tais nações não apenas compartilham laços históricos com o Brasil, mas também constituem parceiros estratégicos na construção de uma Zona de Paz e Cooperação no Atlântico Sul (ZOPACAS)<sup>4</sup> (Brasil, 2020).

---

<sup>4</sup> O fórum em questão foi criado para promover a cooperação regional, a paz e a segurança no Atlântico Sul, envolvendo 24 países da América do Sul e da costa ocidental da África. Ele se propõe a ser o principal mecanismo de articulação multilateral na região, buscando o



Nesse contexto, não é percebida apenas como um espaço passivo. Trata-se de uma região com protagonismo próprio e que impacta diretamente a segurança e os interesses do Brasil. A costa atlântica africana abriga portos estratégicos, zonas de exploração de petróleo, rotas de comércio e áreas críticas em termos de segurança marítima.

## 2.4 O ATLÂNTICO SUL E SUA IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA

O Atlântico Sul possui grande relevância científica, ambiental e econômica. Cientificamente, oferece vastas potencialidades para pesquisa e desenvolvimento tecnológico, como a exploração do Pré-Sal e o estudo de sua rica biodiversidade marinha, impulsionando programas como o BIOMAR<sup>5</sup> e o SisGAAz<sup>6</sup> (Souza; Monteiro, 2021).

Economicamente, é uma via essencial para o comércio exterior e uma fonte vital de recursos energéticos, concentrando a maior parte do petróleo, gás natural e comércio do país. Ambientalmente, a preservação de sua biodiversidade e a prevenção de desastres são cruciais para o desenvolvimento sustentável e a manutenção das riquezas que sustentam a economia brasileira (Souza; Monteiro, 2021).

Além disso, o Atlântico Sul é de suma importância para a soberania e segurança nacional do Brasil, funcionando como um espaço estratégico para a projeção de poder e a defesa contra ameaças como ilícitos transnacionais, pesca predatória e interferências de potências extrarregionais. A atuação da Marinha do Brasil e a criação da ZOPACAS são cruciais para proteger os interesses

---

desenvolvimento econômico e social, a proteção do meio ambiente, a conservação de recursos e a segurança de toda a área, com um enfoque especial na não proliferação de armas nucleares e de destruição em massa (Brasil, 2015).

<sup>5</sup> Criado pelo Plano Setorial para os Recursos do Mar, é um importante instrumento do Governo Federal para planejar, executar e gerir atividades relacionadas aos recursos marinhos, tanto vivos quanto não vivos. Seu objetivo é promover e fomentar o estudo e a exploração sustentável do potencial biotecnológico da biodiversidade marinha. Ele atua nas águas jurisdicionais brasileiras e em outras áreas de interesse nacional, visando o desenvolvimento científico, tecnológico e econômico do Brasil. (Brasil, 2016).

<sup>6</sup> A Marinha do Brasil, em colaboração com outras agências e órgãos governamentais, é responsável por coordenar a implementação e o aprimoramento de um sistema cuja missão é monitorar e proteger de forma contínua as áreas marítimas e águas interiores de interesse do país. O sistema atua na prevenção e resposta a ameaças, emergências, desastres ambientais, hostilidades e ilegalidades, com o objetivo de contribuir para a segurança e defesa da Amazônia Azul e para o desenvolvimento nacional (Brasil, [entre 2021 e 2023]).

brasileiros e consolidar a influência do país na região, que abriga riquezas materiais indispensáveis como a Amazônia Azul<sup>7</sup> (Souza; Monteiro, 2021).

“Os problemas do Atlântico Sul são, portanto, problemas do Brasil” (Nasser; Moraes, 2014, p. 10). Essa afirmação de alguns autores não é apenas retórica. As ameaças à navegação marítima, como pirataria, tráfico de armas e drogas, e a presença de potências extrarregionais como China, Rússia e EUA tornam o Atlântico Sul um espaço altamente dinâmico e potencialmente instável (Nasser; Moraes, 2014).

## 2.5 PREOCUPAÇÕES DO BRASIL COM A ÁFRICA OCIDENTAL

Entre as principais preocupações brasileiras no contexto da África Ocidental, destacam-se as questões de segurança marítima, pirataria no Golfo da Guiné, ameaças terroristas crescentes e fluxos migratórios desordenados. A região está entre as mais afetadas do mundo por ataques a embarcações, o que compromete a segurança de rotas comerciais vitais para o Brasil (Brasil, 2020).

Sendo assim, no campo da segurança cooperativa, o Brasil tem investido em parcerias bilaterais e iniciativas multilaterais como a ZOPACAS, que busca prevenir a militarização e as disputas de poder no Atlântico Sul (Nasser; Moraes, 2014). Nessa esteira, nos últimos dez anos, a Marinha do Brasil tem estado à frente de várias ações de segurança marítima. As iniciativas mais notáveis incluem a realização de exercícios navais conjuntos e a capacitação técnica às forças navais de países africanos. O propósito dessas atividades é reforçar as habilidades locais de monitoramento e reação a riscos, visando criar um cenário marítimo mais seguro e estável (Brasil, 2020).

Assim, observa-se uma intensificação da participação brasileira em exercícios multinacionais, a exemplo do OBANGAME EXPRESS, uma iniciativa entre os Estados Unidos da América e nações da África Ocidental, do GRAND AFRICAN NEMO, promovida pela França em coordenação com países do Golfo da Guiné e do GUINEX, exercício multinacional liderado pela Marinha do Brasil

---

<sup>7</sup> Vasta área marítima sob jurisdição brasileira, reconhecida por sua rica biodiversidade e abundantes recursos naturais. Sua importância para o país é tanto econômica quanto estratégica, pois a região contém reservas essenciais de petróleo e gás, além de rotas vitais para o comércio exterior, sendo, portanto, fundamental para a segurança e o desenvolvimento nacional.

com a participação de países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Essas atividades denotam um reconhecimento da natureza transnacional das ameaças marítimas contemporâneas e a imperatividade da cooperação interagências e internacional para uma resposta eficaz. A adesão proativa do Brasil a essas manobras conjuntas explicita um compromisso com a segurança regional, alinhando-se com seu anseio de atuar como ator relevante no Atlântico Sul (Brasil, 2020; Silva Junior, 2022).

A presença crescente da China e da Rússia na África Ocidental também é objeto de atenção estratégica. Ambas as potências têm intensificado acordos comerciais, militares e diplomáticos com países da região. Tais dinâmicas podem alterar significativamente o equilíbrio de poder no EEB (Silva Junior, 2022).

Em síntese, a África Ocidental desempenha um papel estratégico implícito no entorno do Brasil. Ao reconhecer a importância dessa região e ao fortalecer os vínculos históricos e diplomáticos, o Brasil não apenas assegura sua presença no Atlântico Sul, como também projeta sua influência internacional a partir de uma perspectiva que combina memória histórica, identidade cultural e interesses geoestratégicos contemporâneos.

### 3 A PRESENÇA CHINESA NA ÁFRICA: OS CASOS NIGÉRIA E GANA

Este capítulo examina a inserção estratégica da China na África Ocidental, com foco particular em dois Estados centrais da sub-região: Nigéria e Gana. A relevância desse tema no escopo da dissertação está diretamente vinculada à ascensão da China como ator global e à maneira como Pequim tem articulado sua política externa e econômica para expandir sua presença em regiões de interesse estratégico. A África Ocidental, rica em recursos naturais, com relevância geopolítica crescente e composta por Estados em diferentes estágios de desenvolvimento institucional e econômico, configura-se como um espaço prioritário para a projeção do poder chinês (Abidde; Ayoola, 2021). Ao abordar a atuação da China nesse contexto, o capítulo contribui para compreender a reconfiguração das relações internacionais na região.

Para tal, o capítulo será dividido em quatro seções. A primeira seção apresenta uma visão geral da estratégia chinesa para a África Ocidental. A segunda seção analisa o caso da Nigéria, discutindo os setores prioritários da presença chinesa e os efeitos dessa inserção nas dinâmicas político-econômicas locais. A terceira seção dedica-se ao estudo de Gana, apresentando os mecanismos de cooperação, os projetos financiados pela China e as percepções internas sobre essa parceria. Por fim, a última seção sintetiza os principais achados, apontando convergências e diferenças entre os dois casos.

#### 3.1 A CHINA E O CONTINENTE AFRICANO

O envolvimento da China com o continente africano se apresenta como uma combinação articulada de estratégias econômicas, políticas e culturais, sustentadas por uma filosofia diplomática própria. Essa filosofia tem como base a cooperação entre os países do hemisfério sul, enfatizando a ideia de benefício mútuo, respeito à soberania e não-interferência nos assuntos internos dos Estados africanos. Desde a Conferência de Bandung<sup>8</sup> e os Cinco Princípios da

---

<sup>8</sup> Encontro realizado em abril de 1955 em Bandung, Indonésia, que reuniu líderes de 29 países asiáticos e africanos recém-independentes. O objetivo principal era promover a cooperação econômica e cultural entre os países do "Terceiro Mundo" e afirmar a sua independência face às potências mundiais durante a Guerra Fria (Kissinger, 2011).

Coexistência Pacífica<sup>9</sup>, tais elementos tornaram-se pilares da política externa chinesa e distinguem sua abordagem daquela adotada por potências ocidentais, frequentemente associadas à imposição de condicionalidades e à herança colonial (Kissinger, 2011; Abidde; Ayoola, 2021).

Esse discurso, por vezes, encontra forte receptividade por parte de líderes africanos, que veem na China um parceiro pragmático e disposto a contribuir para o desenvolvimento sem impor modelos político-institucionais. Contudo, a retórica da solidariedade não está imune a críticas. Muitos analistas observam contradições entre o discurso e a prática, apontando para assimetrias que se manifestam no endividamento crescente de diversos países africanos, na falta de transparência dos contratos e na concentração das exportações de matérias-primas. Além disso, práticas laborais de empresas chinesas, como a contratação de mão de obra majoritariamente chinesa e a negligência com normas trabalhistas locais, suscitam tensões sociais e questionamentos sobre a sustentabilidade do modelo (Abidde; Ayoola, 2021).

Em termos concretos, uma das frentes mais visíveis da atuação chinesa na África é a infraestrutura, fornecendo lucros crescentes desde os anos 2000 (Fig. 3). A China tem se destacado por oferecer financiamento e execução de megaprojetos em áreas como transporte, energia e construção civil, muitas vezes por meio de empréstimos garantidos por recursos naturais ou modelos de construção-operação-transferência (BOT, sigla em inglês). Esse tipo de acordo, que vincula o financiamento ao fornecimento de *commodities* como petróleo ou minerais, representa uma solução atrativa para países africanos com dificuldade de acesso a crédito internacional, ao mesmo tempo em que assegura à China suprimento contínuo de insumos estratégicos (Brautigam, 2009; Abidde; Ayoola, 2021).

Exemplos notáveis incluem a ferrovia TAZARA entre Tanzânia e Zâmbia, o porto de Mombasa no Quênia e barragens em Angola e Etiópia. Tais obras simbolizam a promessa de desenvolvimento rápido, mas também levantam preocupações quanto à dependência econômica (Fig. 4), à escassa

---

<sup>9</sup> Desenvolvidos principalmente pela China e Índia, os Cinco Princípios da Coexistência Pacífica incluem: respeito mútuo pela soberania e integridade territorial, não agressão mútua, não interferência mútua nos assuntos internos, igualdade e benefício mútuo, e coexistência pacífica (Kissinger, 2011).

transferência de tecnologia e à fragilidade da capacidade de pagamento dos países beneficiados, especialmente diante da volatilidade dos preços das *commodities* (Brautigam, 2009).

Esse modelo de engajamento é complementado por uma crescente densidade de laços comerciais e financeiros. A China tornou-se o principal parceiro comercial da África, com uma pauta fortemente centrada na importação de matérias-primas africanas e na exportação de produtos industrializados, gerando uma relação superavitária (Fig. 5). Embora isso tenha gerado um aumento significativo no volume de trocas, também intensificou o debate sobre dependência. O Investimento Direto Estrangeiro (IDE) chinês, por sua vez, passou a se diversificar nos últimos anos, abrangendo setores como manufatura, agricultura, telecomunicações e finanças, ampliando a presença de empresas estatais e privadas chinesas em múltiplas dimensões da economia africana (Riccardi; Riccardi, 2021).

A presença chinesa se estende também ao plano demográfico e social, com uma diáspora crescente que participa ativamente da economia local. Pequenos comerciantes, engenheiros, operários e empresários chineses se espalham por várias cidades africanas, consolidando uma presença que vai além da atuação estatal. Embora essa diáspora contribua para a dinamização econômica, ela também é motivo de tensões culturais e sociais, sobretudo quando associada a práticas comerciais controversas, distanciamento cultural e disputas com comerciantes locais (Abidde; Ayoola, 2021).

Paralelamente ao engajamento econômico, a China tem investido significativamente em instrumentos de *Soft Power*, um conceito que segundo Nye (2004):

Ao contrário do *Hard Power*, que se manifesta por meio do uso da coerção ou de incentivos para gerar influência, o *Soft Power* envolve a capacidade de um país atrair e cooptar outros a admirar e compartilhar seus interesses centrais. O *Soft Power* baseia-se em recursos como cultura, valores e comportamento exemplar na política externa para criar um ambiente internacional em que outros estejam mais inclinados a cooperar e menos propensos a se opor aos objetivos do Estado.<sup>10</sup> (Nye, 2004, p.5, tradução própria).

---

<sup>10</sup> Tradução própria. Texto Original: Unlike hard power, which manifests through the use of coercion or incentives to generate influence, soft power involves a country attracting and co-opting others to admire and share its core interests. Soft power draws on resources such as culture, values and exemplary foreign policy behavior to create an international environment where others will be more inclined to cooperate and less likely to oppose the state's objectives.

Destacam-se os Institutos Confúcio, que promovem o ensino da língua e cultura chinesa, e os programas de bolsas de estudo que oferecem oportunidades a estudantes africanos em universidades chinesas. Ademais, a presença de missões médicas, centros hospitalares construídos por empresas chinesas e campanhas conjuntas na área da saúde pública refletem uma estratégia abrangente de diplomacia cultural (Wasserman, 2020).

O eixo institucional mais relevante desse esforço é o Fórum de Cooperação China-África (FOCAC), criado em 2000. Com reuniões trienais e planos de ação coordenados, o FOCAC serve tanto como plataforma para consolidação de projetos quanto como expressão simbólica do comprometimento chinês com o futuro do continente. Nele, temas como infraestrutura, segurança, sustentabilidade e comércio são abordados sob a lógica da comunidade de destino compartilhado<sup>11</sup>, conceito recorrente na diplomacia chinesa contemporânea (Wasserman, 2020).

Soma-se a esses fatores a expansão da Marinha Chinesa (PLAN, sigla em inglês) na costa oeste africana, reforçando a influência da China no Atlântico Sul e integrando segurança marítima à sua estratégia de cooperação econômica. Desde 2014, a PLAN realiza missões antipirataria no Golfo da Guiné, exercícios navais com a Nigéria e escalas em portos de Senegal, Costa do Marfim e Angola, protegendo rotas comerciais, como detalhado no gráfico de escalas portuárias a partir dos anos 2000 (Fig. 6) (Kardon, 2025).

A presença chinesa em infraestruturas portuárias, como observado no Porto de Tema em Gana, faz parte de uma estratégia global mais ampla para dominar o comércio marítimo mundial em volume, construção naval e posse de portos. Esses, operados por empresas chinesas, apoiam a PLAN, gerando vulnerabilidades econômicas e cibernéticas. Soma-se a isso, a pesca ilegal por frotas chinesas e o mapeamento oceânico para fins militares, levantando preocupações com a soberania marítima africana. No Atlântico Sul, a PLAN desafia a liderança ocidental, podendo desviar a atenção dos EUA em conflitos no Indo-Pacífico (Runde; Hardman; Bonin, 2024; Kardon, 2025).

---

<sup>11</sup> Conceito político e diplomático promovido pela China, especialmente sob a liderança de Xi Jinping, que propõe uma visão de mundo onde todos os países e povos compartilham um futuro comum e devem cooperar para alcançar prosperidade e segurança globais (Kissinger, 2011).

Apesar do alcance e do impacto dessas iniciativas, o *Soft Power* chinês enfrenta obstáculos relacionados à percepção de intencionalidade política e controle narrativo. As agências estatais chinesas de mídia têm sido criticadas por jornalistas africanos por promoverem uma visão idealizada da China, ao mesmo tempo em que evitam temas sensíveis, como corrupção, conflitos trabalhistas ou impactos ambientais. Essa tensão entre promoção da imagem e liberdade de expressão limita, em certa medida, a eficácia do *Soft Power* como vetor de influência genuína (Wasserman, 2020).

### 3.2 ESTUDO DE CASO 1: A INSERÇÃO DA CHINA NA NIGÉRIA

A Nigéria, maior economia da África em termos populacionais e um dos principais produtores de petróleo do continente, apresenta-se como um polo geoestratégico de alta relevância para os interesses externos, especialmente os chineses. Com mais de 200 milhões de habitantes e uma economia significativamente dependente do setor petrolífero, que representa aproximadamente 41% do PIB e cerca de 88% das receitas do governo, o país reúne um conjunto de características que o tornam central na política africana da China (Onuba; Ndubuisi, 2019).

Apesar da abundância de recursos naturais e da fertilidade agrícola, a Nigéria enfrenta desafios severos, como a pobreza estrutural, a degradação de sua infraestrutura e a instabilidade política. Essas fragilidades, paradoxalmente, aumentam sua atratividade como destino de investimentos chineses, em uma relação baseada tanto na necessidade chinesa de fontes energéticas quanto na expansão de sua presença econômica e diplomática no continente. A posição geográfica nigeriana, com acesso privilegiado ao Golfo da Guiné e localização estratégica na África Ocidental, reforça seu valor logístico no contexto da Nova Rota da Seda ou Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI, sigla em inglês)<sup>12</sup> (Oyeranti *et al.*, 2010).

A entrada chinesa no setor energético da Nigéria ocorreu de forma

---

<sup>12</sup> Plano para desenvolver duas novas rotas comerciais que conectam a China ao resto do mundo. Mais do que infraestrutura, é um esforço para desenvolver um mercado expandido e interdependente para a China, aumentar o poder econômico e político da China e criar as condições certas para que a China construa uma economia de alta tecnologia (Hillman, 2020).



acelerada a partir dos anos 2000. Empresas como a SINOPEC adquiriram ativos significativos, como a Addax Petroleum, com operações em águas profundas e rasas no delta do Níger (Onuba; Ndubuisi, 2019).

Em paralelo, acordos de até US\$ 50 bilhões em investimentos foram negociados, conectando o financiamento de grandes obras à entrega de recursos naturais. O modelo de entrega de infraestrutura por petróleo foi claramente observado no acordo entre China e Nigéria para construção de refinarias com capacidade estimada de 750 mil barris por dia (Oyeranti *et al.*, 2010).

A estratégia de inserção chinesa estende-se à infraestrutura crítica. Projetos como os citados anteriormente e a ferrovia Lagos - Kano, conduzidos pela Corporação de Construção e Engenharia Civil da China (CCECC, sigla em inglês), simbolizam essa atuação. Rodovias estratégicas como a Papalanto - Lagos e a via Kano - Maiduguri também foram financiadas ou executadas por empresas chinesas, com apoio do Banco de Exportação-Importação da China (Ogunkola; Bankole; Adewuyi, 2008). Os projetos muitas vezes utilizam o modelo de concessão e operação por empresas chinesas, seguidos de transferência de controle ao governo nigeriano, numa lógica típica de contratos do tipo BOT.

No campo das telecomunicações e da tecnologia, a presença chinesa é dominada pelas empresas Huawei e ZTE. Ambas são responsáveis por grande parte da infraestrutura de telecomunicações no país, incluindo redes de transmissão, torres, equipamentos e conectividade rural (Oyeranti *et al.*, 2010).

Na esfera do comércio e da manufatura, a China busca consolidar sua presença por meio da criação de zonas econômicas especiais, além de uma atuação crescente no varejo e na produção em pequena escala. Ainda que a participação da manufatura no PIB da Nigéria permaneça modesta, há registros da instalação de fábricas têxteis, de calçados e de bens eletrônicos sob liderança de empresários chineses. No comércio de bens de consumo, a presença chinesa é dominante, oferecendo produtos acessíveis à população, embora muitas vezes com críticas à baixa durabilidade (Oyeranti *et al.*, 2010).

Os impactos da presença chinesa no país são múltiplos e ambivalentes. Há, sem dúvida, benefícios imediatos como o aumento da oferta de infraestrutura, a redução de custos em bens de consumo e a introdução de novas tecnologias. Entretanto, os desafios emergem com igual intensidade. Uma das

críticas recorrentes refere-se à baixa geração de empregos diretos para nigerianos, especialmente nos megaprojetos de infraestrutura, que frequentemente empregam mão de obra chinesa. Embora algumas iniciativas estipulem quotas de nacionalização da força de trabalho, a aplicação dessas normas tem sido inconstante (Brautigam, 2009).

Além disso, há riscos crescentes relacionados à sustentabilidade do endividamento público. Empréstimos bilaterais de grande porte, mesmo que a juros baixos, comprometeram parte significativa da capacidade fiscal do Estado nigeriano, em especial quando atrelados à exportação de petróleo em períodos de queda dos preços internacionais (Brautigam, 2009).

As percepções sobre a presença chinesa são divididas. O governo nigeriano tende a valorizar os investimentos como essenciais à reconstrução do país e tem a China como um parceiro confiável frente à retração de capitais ocidentais. No entanto, parcela da sociedade civil nigeriana expressa dúvidas sobre os reais benefícios do relacionamento, alertando para a assimetria dos acordos, a dependência tecnológica e a limitada transparência dos contratos (Brautigam, 2009).

Assim, a inserção da China na Nigéria se revela complexa e estrategicamente orientada. Mais do que simples fornecedora de capital e infraestrutura, a China se torna um ator estrutural na transformação econômica da Nigéria, o que exige, por parte dos formuladores de políticas locais, um acompanhamento rigoroso para que os benefícios de longo prazo se concretizem e os riscos não se convertam em armadilhas irreversíveis.

### 3.3 ESTUDO DE CASO 2: A PARCERIA CRESCENTE DA CHINA COM GANA

Gana se destaca como um dos países africanos que rapidamente consolidou suas instituições democráticas, apresentando estabilidade política, crescimento econômico contínuo e avanços sociais que o colocam como modelo de governança na região da África Ocidental. Com um PIB crescente, uma economia diversificada baseada em ouro, petróleo, cacau e outros minerais, além de uma população politicamente ativa, Gana tem atraído parcerias internacionais consistentes. Nesse contexto, a inserção da China no país ocorreu de maneira pragmática e estratégica, aproveitando a estabilidade

institucional e as oportunidades de investimentos em setores-chave (Abidde; Ayoola, 2021).

A atração exercida por Gana sobre os interesses chineses repousa sobre alguns pilares. Primeiro, sua abundância de recursos naturais, como ouro e bauxita, torna o país altamente relevante para uma China sedenta por matérias-primas para sustentar sua base industrial. Em segundo lugar, a existência de um ambiente político multipartidário, com estabilidade democrática e relativamente previsível facilita a implementação de projetos de longo prazo. Por fim, o histórico de boas relações bilaterais reforça o engajamento baseado em confiança mútua e na não interferência nos assuntos internos dos países parceiros (Abidde; Ayoola, 2021).

A atuação chinesa no setor de mineração tem se tornado objeto de controvérsias crescentes devido a atividade de mineração informal, conhecida como *galamsey*, muitas vezes ligada a interesses chineses, gerando preocupações quanto a impactos socioambientais significativos, degradação de recursos hídricos e conflitos com comunidades locais. Esse tipo de atividade tem sido denunciado por autoridades ganesas, que, embora reconheçam os benefícios da presença chinesa, veem-se pressionadas a equilibrar os interesses econômicos com os deveres regulatórios e ambientais (Brautigam, 2009).

No campo da infraestrutura, a China tem desempenhado um papel central em Gana, financiando e executando projetos estratégicos. A expansão do Porto de Tema, liderada pela *China Harbour Engineering Company*, teve suas duas primeiras fases concluídas em 2023, com o Terminal 3 operacional e segue com obras previstas até 2030. No setor de transporte, a *China Railway Construction Corporation* avança na construção da ferrovia Tema-Akosombo, iniciada em 2018 e com conclusão total projetada para 2026, além de rodovias como a *Eastern Corridor Road*, com trechos concluídos entre 2019 e 2023 e finalização esperada para 2027 (Abidde; Ayoola, 2021).

Na geração de energia, a usina hidrelétrica de Bui Dam, construída pela estatal chinesa Sinohydro entre 2007 e 2013 com financiamento chinês de US\$ 622 milhões, adicionou 400 MW à capacidade energética de Gana. Esses investimentos melhoram a conectividade logística e o ambiente de negócios, mas aprofundam a dependência de financiamento externo, com contratos

frequentemente lastreados em recursos naturais, suscitando preocupações sobre a soberania econômica a longo prazo (Abidde; Ayoola, 2021).

A presença chinesa no setor agrícola é outro eixo de destaque. Empresas e iniciativas de cooperação técnica têm promovido programas de irrigação, mecanização e desenvolvimento rural, começando a se intensificar a partir de 2000, com o FOCAC, e ganhando força na década de 2010, visando tanto o aumento da produtividade quanto a ampliação da capacidade exportadora ganesa. Embora ainda modesto em comparação com os investimentos em infraestrutura e mineração, esse campo é visto como estratégico, dada a necessidade da China de garantir segurança alimentar para sua vasta população (Goldstein *et al.*, 2006).

No comércio, desde à década de 2000, observa-se um crescente fluxo de produtos manufaturados chineses que inundam os mercados urbanos de Gana. Esses produtos, geralmente de baixo custo, têm desempenhado papel ambíguo: por um lado, ampliam o acesso da população ganesa a bens de consumo, por outro, representam forte concorrência aos produtores e comerciantes locais, gerando tensões comerciais e deslocamento de empregos. Pequenos empresários chineses, frequentemente estabelecidos nos centros urbanos, competem diretamente com comerciantes locais em setores como eletrônicos, vestuário e utensílios domésticos (Kuo, 2013).

Por fim, a questão da dívida e do endividamento externo ganha espaço no debate político em Gana. O crescente endividamento, que alcançou US\$ 30 bilhões em 2022, tornou-se um tema central no debate político, reacendendo tensões sobre a sustentabilidade fiscal. Dos credores, a China destaca-se com US\$ 1,9 bilhão (6% do total), financiando projetos de infraestrutura como os citados anteriormente, a ferrovia *Tema-Akosombo* e a rede de gás *Atuabo*. Embora esses recursos tenham sido aplicados em infraestrutura essencial, cresce a pressão por maior transparência nos termos dos contratos e pela avaliação dos impactos fiscais de longo prazo (Kaplinsky; Farooki; Terheggen, 2008).

A percepção pública da presença chinesa em Gana é complexa. Enquanto parte da sociedade vê na China um parceiro confiável e fonte de desenvolvimento, outros manifestam preocupações com práticas trabalhistas, degradação ambiental, evasão de impostos e falta de transferência tecnológica.

O governo ganês, por sua vez, tenta equilibrar os ganhos de curto prazo com a necessidade de sustentabilidade e preservação da autonomia nacional (Abidde; Ayoola, 2021).

### 3.4 O PADRÃO DE INSERÇÃO CHINESA NA ÁFRICA OCIDENTAL

A análise da inserção chinesa na África Ocidental, com foco na Nigéria e em Gana, evidencia um padrão estratégico, que combina infraestrutura, energia, comércio, mineração e instrumentos de *Soft Power*. Em ambos os países, a China se aproveita de contextos favoráveis, seja o peso geopolítico da Nigéria, seja a estabilidade institucional de Gana, para implementar um modelo de parceria baseado em interesses mútuos aparentes, mas marcados por assimetrias estruturais (Abidde; Ayoola, 2021).

A presença chinesa vai além de investimentos pontuais e manifesta-se como uma reconfiguração profunda da inserção externa desses Estados no sistema internacional, com implicações de longo prazo para suas trajetórias de desenvolvimento (Abidde; Ayoola, 2021).

No caso nigeriano, o envolvimento chinês se concentra sobretudo nos setores de energia, infraestrutura pesada e telecomunicações, refletindo a centralidade do petróleo e do gás nas prioridades de Pequim. Em Gana, a diversidade setorial é mais visível, incluindo mineração, formal e informal, agricultura, comércio varejista e portos estratégicos. Apesar das diferenças contextuais, ambos os países revelam pontos em comum: a crescente dependência de financiamento chinês, a presença de mão de obra estrangeira em projetos críticos e o desafio de internalizar os ganhos econômicos de maneira equitativa. As tensões associadas à mineração ilegal em Gana e à baixa absorção de empregos locais na Nigéria exemplificam os dilemas que acompanham essa nova fase de engajamento (Abidde; Ayoola, 2021; Brautigam, 2009).

Para os Estados africanos, a expansão chinesa representa uma oportunidade de diversificar suas parcerias internacionais, fugir de condicionantes tradicionais impostas por organismos ocidentais e ampliar sua base de infraestrutura física. No entanto, esse processo também impõe desafios relevantes. A sustentabilidade da dívida, a soberania sobre recursos naturais e

a capacidade institucional de regular agentes externos se tornam questões centrais. A dificuldade de garantir transparência contratual, de proteger o meio ambiente e de equilibrar os interesses locais e estrangeiros expõe limites que exigem uma postura estratégica mais ativa por parte dos governos africanos (Kaplinsky; Farooki; Terheggen, 2008).

O padrão chinês de inserção observado em Nigéria e Gana se revela, portanto, ambivalente: é ao mesmo tempo vetor de dinamismo econômico e risco de dependência prolongada. Ao oferecer uma alternativa ao modelo ocidental tradicional, a China inaugura uma nova lógica de inserção externa africana, marcada menos pela imposição de valores e mais pela negociação de interesses.

## **4 A PRESENÇA RUSSA NA ÁFRICA: OS CASOS DE NIGÉRIA E GANA**

A intensificação da presença russa na África Ocidental nos últimos anos tem se consolidado como parte de uma estratégia mais ampla de Moscou para reafirmar sua condição de potência global. Tal movimento se insere num contexto internacional marcado por uma crescente competição, onde a Rússia busca ampliar seu alcance por meio de uma combinação de iniciativas diplomáticas, militares e econômicas (Ofongo; Onuoha, 2025). Este capítulo tem como propósito examinar como essa presença se materializa especificamente nos casos da Nigéria e de Gana, países que oferecem condições peculiares, para a atuação russa na região.

Sendo assim, ambos os países oferecem pistas distintas sobre os mecanismos de inserção russa na África Ocidental: a Nigéria como uma arena de disputa estratégica com reflexos securitários e energéticos, e Gana como plataforma de retomada simbólica de antigas relações diplomáticas. O estudo desses dois casos permite compreender, com maior profundidade, como Moscou adapta sua atuação conforme os contextos locais e os interesses específicos envolvidos.

O capítulo está estruturado em quatro seções principais. A primeira apresenta os antecedentes históricos e os marcos da política externa russa no continente africano, com destaque para a transição da lógica ideológica soviética para uma abordagem pragmática e geoeconômica sob o governo Putin. Na segunda, examina-se o caso da Nigéria, com foco em sua relevância energética, importância diplomática regional e vulnerabilidades securitárias exploradas por Moscou. Em seguida, se analisa Gana, explorando os vínculos históricos, os canais diplomáticos reativados e os novos setores de cooperação estratégica, como energia nuclear, educação técnica e comércio bilateral.

Por fim, se apresenta os elementos centrais da atuação russa em ambos os países e propõe uma reflexão sobre o grau de coerência e eficácia dessa estratégia no atual tabuleiro geopolítico da África Ocidental.

### **4.1 ESTRATÉGIAS DE ENGAJAMENTO DA RÚSSIA NA AFRICA**

A trajetória da Rússia no continente africano remonta à era soviética,

quando Moscou estabeleceu uma política ativa de aproximação com países recém-independentes, oferecendo apoio político, militar e educacional. Durante a Guerra Fria<sup>13</sup>, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) se posicionou como alternativa ao bloco ocidental, promovendo alianças ideológicas e fomentando movimentos de libertação nacional. No entanto, com o colapso da União Soviética, a presença russa na África entrou em franco declínio. A década de 1990 foi marcada por retração diplomática, descontinuidade nos acordos de cooperação e abandono de projetos estruturais nas ex-repúblicas africanas (Ramani, 2023).

O retorno da Rússia ao continente começou a tomar forma nos anos 2000, impulsionado por uma leitura geopolítica segundo a qual a África representa uma plataforma estratégica para a projeção de poder em um mundo multipolar<sup>14</sup>. Essa reaproximação coincide com a consolidação do poder do Presidente Vladimir Putin e a reformulação da política externa russa, voltada para contestar a ordem internacional e expandir zonas de influência além das fronteiras europeias e asiáticas. As motivações incluem a busca por aliados geopolíticos em fóruns multilaterais, o acesso a mercados de armamentos e a recursos naturais estratégicos, bem como a contenção da presença ocidental no continente (Kohnert, 2022; Badawi, 2024).

Entre os pilares dessa reaproximação, a cooperação militar e de segurança ocupa posição central e se expande por todo o continente (Fig. 7). A Rússia se tornou, nos últimos anos, o maior fornecedor de armamentos para a África, com destaque para contratos envolvendo helicópteros Mi-17, armas leves e navios de patrulha para países da África Ocidental (Badawi, 2024).

Além da venda de equipamentos, a cooperação envolve treinamentos, transferência de tecnologia e acordos de segurança. Um componente cada vez mais visível é o uso de empresas militares privadas, como foi a atuação do Grupo Wagner, conhecido por atuar em zonas de conflito fornecendo serviços de proteção, treinamento de tropas e combate direto, frequentemente em paralelo à atuação diplomática oficial (Ramani, 2023).

---

<sup>13</sup> O período entre 1947 e 1991 foi caracterizado pela Guerra Fria, um conflito político-ideológico que opôs os Estados Unidos à União Soviética e dividiu o mundo em dois blocos de influência, um capitalista e outro comunista (National Geographic Brasil, 2022).

<sup>14</sup> Quando três ou mais Estados disfrutam de relativa paridade de poder (Mingst, 2011).



A atuação do Grupo Wagner na África (Fig. 8) exemplifica como a Rússia explora espaços de insegurança para ampliar sua influência. Observamos em alguns casos a substituição de contingentes franceses no treinamento de tropas locais e em operações de contraterrorismo. Essa atuação paraestatal tem servido como instrumento eficaz para reforçar a presença russa sem comprometer diretamente Moscou, embora também tenha gerado controvérsias sobre violações de direitos humanos e riscos à soberania dos países anfitriões (Ramani, 2023).

Em junho de 2023, após o motim de Prigozhin<sup>15</sup> contra a liderança militar russa e sua morte dois meses depois, o Kremlin buscou reorganizar as operações do grupo na África para consolidar o controle estatal e manter a influência russa no continente. Em dezembro de 2023, foi anunciado que o Grupo Wagner na África seria renomeado para *Africa Corps*, uma força diretamente subordinada ao Ministério da Defesa russo. Esse novo nome evoca o *Afrika Korps*, a força expedicionária nazista que operou no norte da África durante a Segunda Guerra Mundial, gerando críticas por sua conotação histórica (De Paula, 2024)

No campo econômico, a Rússia tem concentrado esforços em setores estratégicos como mineração, gás natural e energia nuclear. Empresas estatais lideram projetos em diversas regiões da África, com destaque para Nigéria, Egito e Gana (Ramani, 2023).

Outro vetor importante tem sido a diplomacia nuclear, por meio da qual a Rússia busca estabelecer acordos para construção de usinas e exploração de urânio. A Companhia Estatal de Energia Nuclear Russa Rosatom tem atuado intensamente em propostas de desenvolvimento de infraestrutura nuclear civil, ampliando a dependência tecnológica desses Estados e criando vínculos estratégicos de longo prazo (Badawi, 2024).

Paralelamente, a diplomacia de cúpula tem se tornado uma ferramenta chave. A realização de Fóruns Rússia-África inscreve-se nessa estratégia de

---

<sup>15</sup> Yevgeny Viktorovich Prigozhin foi um oligarca russo, líder do Grupo Wagner, uma empresa militar privada, e figura próxima ao presidente russo Vladimir Putin, até sua rebelião em junho de 2023. Conhecido como "o chef de Putin" devido a seus negócios de fornecimento de alimentos que atendiam o Kremlin, Prigozhin teve uma trajetória marcada por controvérsias, desde sua condenação criminal na União Soviética até sua ascensão como influente empresário e comandante paramilitar (Trevelyan, 2023).

ampliar os canais multilaterais de influência e promover uma imagem de Moscou como parceiro confiável e não intervencionista. Esses encontros reúnem dezenas de chefes de Estado africanos e resultam em declarações conjuntas e projetos de cooperação econômica e técnico-militar (Badawi, 2024).

Por fim, Moscou também recorre a ferramentas de influência política e informacional, operando mídias em francês e inglês voltadas para o público africano, promovendo campanhas anticolonialistas e buscando moldar narrativas favoráveis aos seus interesses. O uso da desinformação, embora difícil de quantificar, integra essa estratégia assimétrica e está presente em momentos de crise política ou em disputas eleitorais em países frágeis institucionalmente (Fig. 9) (Russell; Pichon, 2019; Africa Center for Strategic Studies, 2024).

Assim, a reconfiguração da presença russa na África combina elementos de continuidade da era soviética e inovações marcadas pelo pragmatismo e uso coordenado de instrumentos estatais e não estatais. Esse conjunto de estratégias projeta Moscou como ator relevante no continente, especialmente em tempos de transição na ordem global e de reconfiguração das alianças internacionais.

#### 4.2 ESTUDO DE CASO 1: A PRESENÇA DA RÚSSIA NA NIGÉRIA

A inserção da Rússia na Nigéria tem como pano de fundo um cenário político e econômico de elevada complexidade. A Nigéria enfrenta desafios persistentes relacionados à segurança interna, instabilidade institucional, corrupção e dependência da exportação de petróleo. Apesar disso, seu peso estratégico na África Ocidental a torna um parceiro altamente atrativo para potências globais. Nesse contexto, a Federação Russa tem buscado capitalizar a importância geopolítica da Nigéria para ampliar sua presença na região, estruturando uma relação complexa que inclui cooperação militar, energética, de recursos naturais e diplomática (Ramani, 2023).

Desde a retomada dos laços bilaterais no início dos anos 2000, a Rússia tem identificado na Nigéria uma oportunidade para exportação de armamentos, penetração em mercados energéticos e reforço de sua influência regional. A visita do presidente nigeriano a Moscou em 2001 marcou o relançamento das

relações bilaterais, culminando na assinatura de um acordo de cooperação técnico-militar e no estabelecimento de um programa de intercâmbio diplomático (Audu; Nwankwo, 2023).

O principal campo de atuação russa na Nigéria é o setor militar e de defesa. A Rússia tem fornecido armamentos às Forças Armadas nigerianas, com destaque para helicópteros, veículos blindados e armas leves. Em 2017 e 2021, foram firmados acordos de cooperação que incluem treinamento militar, suporte técnico e transferência de tecnologia. Essa cooperação tem como foco o combate ao terrorismo e à insurgência no nordeste do país, especialmente contra o Boko Haram<sup>16</sup>, embora sua eficácia seja objeto de controvérsias (Audu; Nwankwo, 2023).

No campo energético, a Rússia estabeleceu diversas frentes de cooperação com a Nigéria. O principal projeto foi a criação da empresa Nigaz, que previa investimentos de US\$ 2,5 bilhões em infraestrutura de gás natural, incluindo construção de gasodutos, refinarias e termelétricas. Apesar do anúncio promissor, a implementação do projeto enfrentou entraves políticos e logísticos, e parte das iniciativas não foi concluída conforme o planejado (Ramani, 2023).

Além disso, há interesse russo no setor de recursos naturais, especialmente na exploração de bauxita e alumínio. A entrada da empresa russa RUSAL no mercado nigeriano se materializou em 2007 com a aquisição de 77,5% da Empresa da Fundação de Alumínio da Nigéria (ALSCON, sigla em inglês), por US\$ 250 milhões. (Ramani, 2023).

Do ponto de vista diplomático, os laços entre Moscou e Abuja foram reforçados por meio de visitas de alto nível, destacando-se a participação do presidente nigeriano Muhammadu Buhari no Fórum Rússia-África em Sochi, em 2019, ocasião em que foram firmados novos memorandos sobre transporte ferroviário, setor energético e educação (Ramani, 2023).

Apesar do volume de acordos e declarações conjuntas, os impactos concretos da presença russa na Nigéria permanecem limitados por vários fatores. No campo da segurança, embora a Rússia tenha fornecido

---

<sup>16</sup> Grupo extremista islâmico que surgiu no nordeste da Nigéria em 2002, fundado por Mohammed Yusuf. O grupo ganhou notoriedade internacional a partir de 2009, quando intensificou suas ações violentas e terroristas, incluindo assassinatos e sequestros em massa, com o objetivo de impor a Sharia e combater a influência ocidental na região (Encyclopaedia Britannica, 2025b).

equipamentos e treinamento, os resultados no combate ao extremismo islâmico são difíceis de serem alcançados devido a dinâmica local e a fragmentação das forças de segurança, levantando preocupações quanto à autonomia tecnológica e à sustentabilidade das operações militares nigerianas (Kohnert, 2022; Audu; Nwankwo, 2023).

Além disso, muitos dos projetos energéticos e de infraestrutura anunciados não foram plenamente implementados. O projeto ferroviário Lagos-Calabar, por exemplo, inicialmente associado a investimentos russos, acabou sendo assumido por empresas chinesas. Esse descompasso entre discurso e execução compromete a credibilidade das promessas russas e gera ceticismo entre setores do governo e da sociedade nigeriana (Ramani, 2023).

Por fim, as percepções locais sobre a Rússia são ambíguas. Enquanto parte das elites políticas e empresariais vê a parceria como uma alternativa à dominação ocidental, há também críticas quanto à falta de transparência, lentidão nos investimentos e ausência de benefícios tangíveis para a população. A expectativa de que a Rússia se torne um parceiro estratégico de longo prazo na Nigéria dependerá, em grande medida, da capacidade de Moscou de transformar compromissos em ações concretas e de adaptar sua abordagem aos desafios locais.

#### 4.3 ESTUDO DE CASO 2: O ENGAJAMENTO RUSSO EM GANA

O engajamento da Rússia em Gana insere-se em uma lógica distinta daquela observada na Nigéria. Enquanto Abuja figura como um polo energético e securitário, Acra representa para Moscou um parceiro historicamente próximo, relativamente estável e receptivo a acordos bilaterais com viés técnico e educacional. A estabilidade institucional de Gana, sua tradição diplomática multilateral e suas reservas minerais tornam o país um alvo atrativo para os interesses russos, especialmente em tempos de reconfiguração das alianças globais e de busca por parceiros previsíveis na África Ocidental (Kulkova; Sanusi, 2016).

A história das relações entre Rússia e Gana remonta ao período soviético, quando o país africano foi um dos primeiros a receber apoio em áreas como educação, saúde, mineração e indústria de base. Desde então, o relacionamento

bilateral oscilou, mas nunca se rompeu completamente. A partir dos anos 2000, a Rússia passou a redinamizar sua diplomacia com Gana, especialmente a partir de 2007, com a assinatura de novos acordos de cooperação em mineração, energia e formação técnica (Kulkova; Sanusi, 2016).

Um dos setores centrais de interesse russo em Gana é o de recursos naturais. A empresa RUSAL mantém operações voltadas à extração de bauxita, aproveitando-se das reservas significativas existentes no país. O envolvimento russo em projetos minerais em Gana reflete um padrão de atuação mais amplo observado também em Guiné e Angola, nos quais empresas como RUSAL e Nordgold exercem forte influência na política regulatória local e operam por meio de contratos de longo prazo e baixa transparência (Ramani, 2023).

Na área da cooperação militar, embora o volume de transações seja menor do que em países com histórico de conflitos armados, como Mali ou República Centro-Africana, Gana firmou acordos pontuais de fornecimento de equipamentos e treinamentos técnicos. Esses acordos são conduzidos dentro de um discurso de fortalecimento das capacidades internas de defesa, sem gerar dependência operacional. Ainda assim, analistas apontam que a Rússia vê Gana como um possível ponto de apoio para presença militar logística no Golfo da Guiné (Ramani, 2023).

Outro eixo importante de atuação russa em Gana é a educação. A concessão de bolsas de estudo para ganeses estudarem em universidades russas tem sido um pilar tradicional das relações bilaterais. Essa política educacional inclui cursos em engenharia, medicina, ciências militares e relações internacionais, muitas vezes acompanhados de programas de intercâmbio e financiamento parcial por instituições russas (Kulkova; Sanusi, 2016). Essa iniciativa reforça o vínculo desenvolvido ao longo dos anos e cria redes de contatos que fortalecem a posição de Moscou entre as elites ganesas.

No campo energético, a Rússia demonstrou interesse em projetos voltados à exploração de petróleo e gás, embora em escala mais reduzida do que em países vizinhos. Em 2010, representantes da maior empresa de energia russa, Gazprom, visitaram Gana para discutir oportunidades de investimento, mas os projetos esbarraram em questões de viabilidade econômica e competitividade com empresas ocidentais e asiáticas já estabelecidas. Junto a isso, a presença da estatal russa de energia nuclear Rosatom em fóruns

bilaterais, indicando que esse tipo de energia para fins civis permanece como uma carta na mesa para futuras cooperações (Ramani, 2023).

Os investimentos diretos da Rússia na África permanecem modestos em volume, representando menos de 1% do total do continente, mas possuem alto valor estratégico por se concentrarem em setores críticos como energia, mineração e defesa. Estima-se que os aportes russos oscilem entre US\$ 4 e 5 bilhões, enquanto o comércio bilateral cresceu de US\$ 5,7 bilhões em 2010 para mais de US\$ 20 bilhões em 2021. Em países como Nigéria, Egito e Gana, Moscou aposta em acordos com forte peso político, ainda que com execução limitada, como forma de ampliar sua influência geoeconômica com custos relativamente baixos. Desta forma, Gana figura como peça útil na construção de uma imagem de “parceiro confiável” por parte da Rússia, sobretudo em fóruns multilaterais como a ONU e o Fórum Rússia-África (Ramani, 2023).

As percepções locais sobre a Rússia variam conforme o setor. Enquanto a cooperação educacional é amplamente bem-vista, especialmente entre estudantes e formadores de opinião, setores da sociedade civil demonstram preocupação com a governança dos contratos minerais e com o possível retorno de uma lógica neocolonial sob nova roupagem (Kulkova; Sanusi, 2016).

Dessa forma, o engajamento russo em Gana revela-se mais sutil e institucional do que em outros países africanos. Moscou parece apostar em uma estratégia de perfil baixo, mas de longo prazo, combinando simbolismo histórico com pragmatismo econômico e diplomático. O sucesso dessa estratégia dependerá da capacidade da Rússia de responder a demandas locais de transparência, desenvolvimento sustentável e respeito à soberania.

#### 4.4 O PADRÃO DE INSERÇÃO RUSSA NA ÁFRICA OCIDENTAL

A inserção russa na África Ocidental revela um padrão estratégico seletivo, que privilegia setores de alta sensibilidade, como defesa, mineração e cooperação técnico-diplomática. No caso da Nigéria, a ênfase recaiu sobre acordos militares e energéticos, enquanto em Gana observou-se uma abordagem mais orientada à educação, ao intercâmbio cultural e à mineração de bauxita (Ramani, 2023; Kulkova; Sanusi, 2016). Esses engajamentos não

seguem um modelo uniforme, mas refletem a adaptação russa às características políticas e institucionais de cada parceiro.

A atuação russa na região tem implicações ambíguas para os países africanos. Por um lado, oferece oportunidades de diversificação externa e acesso a tecnologias ou capacitações específicas. Por outro, levanta questionamentos sobre a profundidade dos compromissos assumidos, a transparência dos acordos firmados e os riscos de dependência em setores críticos, sobretudo na área de defesa (Audu; Nwankwo, 2023; Ambrosetti, 2022). A capacidade dos Estados africanos de transformar essas parcerias em ganhos concretos dependerá, em grande medida, do fortalecimento de suas instituições de governança e de sua habilidade em negociar com assertividade.

Essas constatações fornecem a base para a discussão comparativa que será realizada no próximo capítulo, dedicada a explorar as diferenças e convergências entre as estratégias adotadas por China e Rússia na África Ocidental. Entender como essas potências estruturam sua presença no continente é essencial para avaliar os impactos regionais dessas disputas.

## **5 SINGULARIDADES E SIMILARIDADES DA ATUAÇÃO CHINESA E RUSSA NA ÁFRICA OCIDENTAL E CONSEQUÊNCIAS PARA O ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO**

Este capítulo tem como propósito realizar uma análise comparativa entre as estratégias de atuação da China e da Rússia na África Ocidental, com foco nos estudos de caso de Nigéria e Gana. Após a exploração individual das abordagens chinesa (Capítulo 3) e russa (Capítulo 4), o capítulo identificará as singularidades e similaridades em suas atuações.

A síntese dos principais achados da pesquisa será abordada no capítulo subsequente. A complexidade do cenário africano, marcado por desafios de desenvolvimento, segurança e governança, oferece um terreno fértil para a projeção de diferentes modelos de engajamento por parte de potências externas. A compreensão das nuances dessas interações é vital para desvendar as dinâmicas de poder emergentes no sistema internacional e suas repercussões em regiões de interesse estratégico.

### **5.1 OBJETIVOS E MOTIVAÇÕES ESTRATÉGICAS**

A inserção da China e da Rússia na África Ocidental é impulsionada por uma busca fundamental por poder e segurança, elementos intrínsecos à conduta de grandes potências em um cenário internacional competitivo. Ambas as nações, agindo como atores racionais em um sistema global em constante reconfiguração, procuram expandir sua influência geopolítica, garantir acesso a recursos naturais essenciais para suas economias e indústrias, abrir novos mercados para seus produtos e investimentos, e obter apoio político em fóruns multilaterais para promover uma ordem global mais equilibrada e multipolar (Ramani, 2021).

Para Moscou e Pequim, a África representa um campo estratégico para a projeção de seus respectivos interesses nacionais, oferecendo oportunidades únicas que se alinham às suas ambições globais.

Contudo, existem diferenças claras e fundamentais em suas motivações primárias. A estratégia chinesa é predominantemente guiada por uma lógica econômica. Pequim visa garantir energia e alimentos suficientes para sustentar



seu crescimento interno, que demanda um fluxo contínuo de matérias-primas. Além disso, a China busca expandir mercados para seus produtos manufaturados e para seus investimentos em infraestrutura e indústrias, dada sua vasta capacidade produtiva e a necessidade de novas fronteiras para sua expansão econômica (Edney; Rosen; Zhu, 2019).

Essa busca por interdependência econômica, embora apresentada como mutuamente benéfica para o desenvolvimento chinês e africano, tem implicações geopolíticas significativas, pois aprofunda a presença e a influência de Pequim em regiões estratégicas, consolidando sua posição como um ator global central.

Em contraste, Moscou, com uma agenda mais explicitamente voltada para a afirmação de seu poder e *status* no cenário internacional, busca restaurar sua posição de grande potência após o colapso da URSS. Seu engajamento na África é um componente-chave dessa estratégia, servindo como um palco para desafiar a hegemonia ocidental e para projetar uma imagem de força e autonomia. A Rússia capitaliza sobre o legado da era soviética, que apoiou movimentos de descolonização, para construir laços políticos e militares com regimes africanos que buscam alternativas aos parceiros ocidentais (Ramani, 2021), acentuadamente no cenário atual devido as sanções impostas pelos EUA e UE como penalidade pelo conflito travado com a Ucrânia.

Embora a motivação primária russa seja geopolítica e de segurança, suas ações, como acordos de energia ou mineração, também possuem uma dimensão econômica relevante, que complementa e sustenta seus objetivos estratégicos mais amplos. A diversificação de parcerias e a busca por votos em organismos internacionais são elementos cruciais para Moscou em um contexto de crescentes tensões com o Ocidente (Edney; Rosen; Zhu, 2019; Ramani, 2021).

## 5.2 MODALIDADES E FERRAMENTAS DE INFLUÊNCIAS

Uma similaridade notável nas abordagens de China e Rússia é a adoção do princípio de não-interferência nos assuntos internos dos países africanos. Essa postura é uma tática pragmática e altamente atraente para muitos parceiros africanos, pois contrasta com as "amarras" e condicionalidades, relacionadas a

governança, direitos humanos ou reformas econômicas, frequentemente impostas por atores ocidentais (Edney; Rosen; Zhu, 2019; Ramani, 2021).

Ambas as potências priorizam acordos bilaterais diretos, o que lhes confere maior flexibilidade, agilidade e controle sobre as negociações, permitindo-lhes adaptar suas ofertas às necessidades específicas de cada governo africano, sem a necessidade de consenso entre múltiplos doadores ou instituições multilaterais (Edney; Rosen; Zhu, 2019).

As singularidades nas ferramentas de influência, no entanto, são marcantes e refletem suas prioridades estratégicas distintas. A China se destaca por sua Diplomacia da Infraestrutura, também conhecida como *oil for infrastructure*, que se tornou um pilar de sua inserção. Essa abordagem envolve o financiamento e a construção de grandes projetos de infraestrutura, como ferrovias, portos, rodovias e barragens, que são frequentemente garantidos por recursos naturais dos países africanos (Edney; Rosen; Zhu, 2019).

Embora promova o desenvolvimento e a conectividade, essa estratégia é frequentemente alvo de críticas que apontam para o risco de endividamento excessivo dos países africanos e a perpetuação de uma divisão internacional do trabalho assimétrica, em que a África continua a ser uma fonte de matérias-primas (Edney; Rosen; Zhu, 2019).

Além dos investimentos físicos, a China investe significativamente em *Soft Power*. Assim, através de Institutos Confúcio, intercâmbios culturais e educacionais, e uma crescente presença de veículos de mídia chineses no continente, busca-se gerar atração e boa vontade, moldando a percepção pública sobre a China e seu modelo de desenvolvimento (Edney; Rosen; Zhu, 2019; Ramani, 2021).

Por outro lado, a Rússia prioriza a cooperação militar e de segurança como sua principal ferramenta de influência. Isso se manifesta na venda de armamentos, incluindo aeronaves, sistemas de defesa aérea e veículos blindados, no treinamento militar de forças armadas africanas e no emprego de empresas militares privadas, como o Grupo Wagner em zonas de conflito e para a proteção de regimes políticos (Ramani, 2021).

Essa estratégia, embora eficaz para objetivos de segurança imediata e combate a insurgências, pode ser vista como uma manifestação de influência mais coercitiva e opaca, levantando preocupações sobre a governança e os

direitos humanos, especialmente quando essas empresas operam com pouca transparência e responsabilidade (Walker; Ludwig, 2017).

Além da segurança, o engajamento econômico russo foca em setores estratégicos como energia nuclear, através da empresa estatal de energia Rosatom, que oferece pacotes completos de construção de usinas e treinamento, e exploração de recursos minerais. A influência política russa é frequentemente exercida através de diplomacia de fórum, como os Fóruns Rússia-África, visitas de alto nível e, em alguns casos, o uso de mídia estatal e campanhas de desinformação para moldar narrativas e apoiar regimes semelhantes, alinhando-se ao conceito de “*Sharp Power*” conforme afirma Walker e Ludwig (2017):

Os esforços de influência autoritários são “afiados” no sentido de que perfuram e penetram nos ambientes informacionais dos países-alvo. Na nova e implacável competição em curso entre Estados autocráticos e democráticos, as técnicas de “Poder Afiado” dos regimes repressivos devem ser vistas como a ponta da lança ou, de fato, de sua seringa. Esses regimes não estão necessariamente tentando “conquistar corações e mentes”, como é comum nas estratégias de “*Soft Power*”, mas certamente estão tentando manipular ou envenenar a informação que chega ao público-alvo<sup>17</sup> (Walker & Ludwig, 2017, p.13, tradução própria).

### 5.3 REFLEXOS E DESAFIOS PARA NIGÉRIA E GANA

A inserção de ambas as potências na Nigéria e em Gana gera desafios e conflitos que, embora com nuances, apresentam similaridades. Preocupações com a sustentabilidade da dívida são comuns, uma vez que grandes empréstimos de infraestrutura chineses ou acordos de energia e defesa russos podem onerar as finanças públicas e criar vulnerabilidades econômicas de longo prazo. Os reflexos ambientais e sociais de megaprojetos (China), como a construção de barragens ou ferrovias que podem deslocar comunidades e alterar ecossistemas, ou da exploração mineral (Rússia), que tem potencial para levar à degradação ambiental e aos conflitos por recursos, também são pontos de

---

<sup>17</sup> Tradução própria. Texto Original: Authoritarian influence efforts are “sharp” in the sense that they pierce, penetrate, or perforate the information environments in the targeted countries. In the ruthless new competition that is under way between autocratic and democratic states, the repressive regimes “Sharp Power” techniques should be seen as the tip of their dagger - or indeed their syringe. These regimes are not necessarily seeking to “win hearts and minds”, the common frame of reference for “Soft Power” efforts, but they are surely seeking to manage their target audiences by manipulating or poisoning the information that reaches them.

atenção, desafiando os princípios de desenvolvimento sustentável e a proteção das populações locais (Edney; Rosen; Zhu, 2019; Ramani, 2021).

Assim, a China e a Rússia não condicionam suas negociações com nações africanas ao cumprimento de exigências políticas, como adoção de sistemas democráticos, proteção de direitos humanos ou medidas anticorrupção. Essa abordagem, alinhada com o princípio de não intervenção em questões internas, tem sido um fator decisivo para o aumento de parcerias com os países africanos (Edney; Rosen; Zhu, 2019; Ramani, 2021).

Essa não-condicionalidade de ambos os atores, embora uma estratégia para ganhar parceiros e respeitar a soberania, pode ter implicações negativas para a governança global e a promoção da paz, ao potencialmente fortalecer regimes autoritários ou menos transparentes, minando esforços de democratização e prestação de contas (Edney; Rosen; Zhu, 2019; Ramani, 2021).

As singularidades nos reflexos são observadas na prática em Nigéria e Gana. A presença chinesa nesses países tem reflexos mais visíveis na transformação da infraestrutura física e no volume do comércio bilateral. Em Nigéria, por exemplo, a construção de novas ferrovias e a modernização de portos pela China têm alterado a paisagem econômica e logística.

No entanto, essa presença também levanta preocupações de dependência econômica devido à concorrência para setores manufatureiros locais, muitas vezes incapazes de competir com produtos chineses de baixo custo, e a uma balança comercial frequentemente desfavorável para os países africanos. Em Gana, a infraestrutura financiada pela China, como a expansão do Porto de Tema, visa impulsionar o comércio, mas o impacto na indústria local de manufatura ainda é um ponto de debate (Edney; Rosen; Zhu, 2019; Ramani, 2021).

Em contraste, a presença russa tem consequências mais diretas na segurança interna dos países, auxiliando no combate a grupos terroristas ou insurgências e realizando acordos de cooperação militar, incluindo treinamento e fornecimento de equipamentos. Isso pode fortalecer a capacidade estatal de manter a ordem, mas também gera dependência militar dos russos. Além disso, é notável que a influência russa se destaca em contextos de instabilidade, em que Moscou pode se posicionar como um parceiro de última instância para

regimes políticos que buscam apoio sem questionamentos sobre seus métodos (Ramani, 2023).

A análise desses reflexos revela que, embora a segurança estatal possa ser fortalecida, a segurança dos indivíduos e o respeito aos direitos humanos podem ser negligenciados, especialmente quando empresas militares privadas estão envolvidas, gerando preocupações éticas e de longo prazo para a estabilidade social.

#### 5.4 RESPOSTAS E PERCEPÇÕES DE NIGÉRIA E GANA

As respostas de Nigéria e Gana à inserção chinesa e russa são variadas, refletindo uma busca pragmática por diversificação de parceiros e autonomia estratégica. Ambos os países observam oportunidades de desenvolvimento e segurança que as relações com Pequim e Moscou podem oferecer. Isso é relevante quando as opções ocidentais são limitadas e tendendo a condicionalidades consideradas intrusivas ou não atendem às suas necessidades imediatas (Edney; Rosen; Zhu, 2019).

Embora a retórica “ganha-ganha”<sup>18</sup> desempenhe um papel diplomático eficaz, ela esconde desequilíbrios estruturais. A China e a Rússia buscam se posicionar como parceiros alternativos ao Ocidente, mas suas atuações frequentemente reproduzem dinâmicas de dependência, ainda que sob uma lógica diferente da colonial (Mingst, 2011; Ramani, 2021).

#### 5.5 ESTRATÉGIAS SINO-RUSSO E O ENTORNO ESTRATÉGICO BRASILEIRO

A intensificação da presença chinesa e russa na África Ocidental introduz um novo vetor de complexidade para o EEB, particularmente no que tange à dinâmica de segurança, comércio e influência política no Atlântico Sul. A projeção de poder dessas potências extrarregionais, embora centrada em objetivos econômicos e geopolíticos próprios, repercute diretamente em um espaço que o Brasil historicamente busca manter como zona de paz e

---

<sup>18</sup> Quando ambas as partes envolvidas em uma negociação obtêm vantagens.

cooperação. O avanço de Moscou e Pequim em setores como defesa, infraestrutura portuária, mineração e energia pode reconfigurar os fluxos de influência na região e limitar a margem de manobra do Brasil em iniciativas de integração atlântica ou cooperação entre os países do hemisfério sul, especialmente em fóruns como a ZOPACAS (Edney; Rosen; Zhu, 2019; Ramani, 2021).

Além disso, a competição entre potências globais por espaço político e econômico em países como Nigéria e Gana desafia o Brasil a reposicionar sua atuação externa para não perder relevância em uma área tradicionalmente considerada estratégica. A substituição gradual de parcerias baseadas em afinidade cultural e cooperação técnica por acordos de alto volume financeiro e pouca reciprocidade institucional impõe uma necessidade de revisão das ferramentas diplomáticas brasileiras.

Ao mesmo tempo, a ampliação da influência sino-russa pode afetar interesses comerciais e de segurança marítima, tendo em vista a potencial utilização de infraestrutura crítica para fins militares, vigilância ou projeção naval (Ramani, 2021; Ambrosetti, 2022).

Nesse sentido, compreender as estratégias de engajamento dessas potências é essencial para o Brasil definir medidas de preservação de seu protagonismo regional no Atlântico Sul.

## 6 CONCLUSÃO

O objetivo central deste trabalho foi analisar as principais similaridades e singularidades existentes na crescente influência da Rússia e da China na Nigéria e em Gana, buscando compreender suas consequências para o EEB. A partir dessa questão, buscou-se investigar como essas potências extrarregionais moldam suas estratégias de atuação na África Ocidental e de que maneira essas ações refletem sobre as dinâmicas regionais e os interesses do Brasil no Atlântico Sul.

Inicialmente, foi necessário apresentar conceitos geopolíticos que possibilitassem a leitura da África Ocidental como uma região estratégica em crescente disputa. Assim, estabeleceu-se uma distinção conceitual sobre o EEB, com base nos documentos oficiais de defesa (LBDN, PND e END), e recorreu-se a autores como Silva e Dawood (2023), e Souza e Monteiro (2021) para entender a relação entre segurança, projeção de poder e inserção internacional. Em seguida, abordou-se a evolução da presença chinesa e russa no continente africano, ressaltando os instrumentos empregados por essas potências, desde infraestrutura e comércio até cooperação militar e diplomacia cultural, em uma perspectiva, em alguns acasos, de complementaridade e competição.

A partir dessa base analítica, foram investigados os dois estudos de caso: Nigéria e Gana. No caso da China, observou-se uma atuação com ênfase na infraestrutura, energia, comércio e Soft Power, com forte presença de empresas estatais e financiamento de grandes obras, geralmente vinculadas a garantias de fornecimento de *commodities*. A Nigéria despontou como polo energético, enquanto Gana se apresentou como ambiente estável e favorável a investimentos diversificados, incluindo agricultura, educação e mineração.

Por sua vez, a Rússia demonstrou uma abordagem mais focada em setores como defesa, mineração e energia. A Nigéria, com seus desafios de segurança e importância regional, tornou-se receptora de cooperação militar e investimentos estratégicos em gás natural e alumínio. Por outro lado, Gana, com seu histórico de boas relações com Moscou desde a era soviética, tem sido alvo de ações voltadas à cooperação militar, formação técnica, educação superior, extração mineral e energia nuclear, ainda que em menor escala.

A análise comparativa revelou que, embora ambas as potências compartilhem o princípio da não-intervenção e a busca por influência estratégica, seus modos de inserção são distintos. A China adota uma lógica predominantemente econômica, baseada em altos volumes de investimento e no fortalecimento da interdependência comercial. A Rússia, por sua vez, segue uma lógica mais geopolítica, com ações pontuais, porém incisivas, especialmente em contextos de insegurança. No entanto, ambas as estratégias resultam em formas assimétricas de dependência por parte dos Estados africanos, ainda que sob roupagens distintas.

Apesar das constatações sobre a reprodução de dinâmicas de dependência, um campo fértil para pesquisa futura seria a análise aprofundada das estratégias internas e da capacidade dos Estados africanos para navegar nessas relações assimétricas, transformando-as em desenvolvimento sustentável e soberano.

Quanto às consequências para o Entorno Estratégico Brasileiro, verificou-se que a intensificação da presença russa e chinesa na África Ocidental representa desafios significativos para o Brasil, com competição econômica e militar potencialmente reduzindo sua influência. No entanto, oportunidades existem, como a cooperação em segurança marítima e o uso do BRICS<sup>19</sup> para fortalecer laços. O Brasil, ao reconhecer essa região como parte de seu entorno estratégico, precisa considerar os efeitos dessas inserções extrarregionais sobre sua própria segurança marítima e projeção diplomática. A ampliação da presença militar chinesa e russa em portos e zonas costeiras africanas reforça o desafio direto à consolidação da ZOPACAS como zona de paz e cooperação.

Nesse sentido, a forma como esses países africanos respondem às parcerias com Pequim e Moscou, seja pela atração de investimentos em infraestrutura ou pela busca de apoio militar, contribui para a redefinição de alianças e fluxos de poder na região. Isso exige do Brasil não apenas vigilância estratégica, mas também proatividade diplomática e ampliação de sua capacidade de engajamento com os países africanos.

---

<sup>19</sup> A organização intergovernamental formada por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, conhecida por sua sigla, busca promover a integração e a coordenação econômica e geopolítica entre seus membros (Miles, 2025).



A partir das evidências analisadas, foi possível identificar que tanto Nigéria quanto Gana adotam posturas pragmáticas diante das potências extrarregionais, aproveitando as oportunidades oferecidas, mas enfrentando também dilemas estruturais. Em ambos os casos, destacam-se as preocupações com endividamento, riscos ambientais, assimetrias comerciais e desafios à governança, permitindo entender as complexas interações em jogo e os reflexos diretos e indiretos sobre a política externa brasileira.

Conclui-se, portanto, que o fortalecimento da presença dessas potências em Nigéria e Gana insere-se em um processo mais amplo de reconfiguração do sistema internacional e de competição por influência em áreas estratégicas.

Desse modo, a compreensão das similaridades e singularidades da inserção chinesa e russa na África Ocidental possibilita a identificação de caminhos relevantes para a projeção internacional do Brasil, crescendo de importância o fortalecimento de políticas externas compatíveis com os desafios contemporâneos. Isso inclui ampliar sua presença diplomática em países africanos-chave, como Nigéria e Gana, investir em programas de cooperação técnica que valorizem a capacitação local, fomentar parcerias acadêmicas e culturais e garantir uma presença naval regular no Atlântico Sul, contribuindo para a segurança marítima e o combate a ilícitos transnacionais.

Ao reconhecer esse cenário e ajustar suas ações, o Brasil pode ampliar sua relevância regional e internacional, contribuindo para a estabilidade do Atlântico Sul e para a construção de uma ordem multipolar mais equitativa e cooperativa.

## REFERÊNCIAS

ABIDDE, Sabella Ogbobode; AYOOLA, Tokunbo A. (org.). **China in Africa: Between Imperialism and Partnership in Humanitarian Development**. Lanham: Lexington Books, 2021.

AFRICA CENTER FOR STRATEGIC STUDIES. **Mapping a Surge of Disinformation in Africa**. [S. l.]: Africa Center for Strategic Studies, 13 mar. 2024. Disponível em: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2024/05/Regional-Map-of-Disinformation-in-Africa-2024.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2025.

AMBROSETTI, Eleonora Tafuro. **Russia's Soft Power Sources in Africa**. Johannesburg: South African Institute of International Affairs (SAIIA), 2022.

AUDU, Ayuba; NWANKWO, Emma. **A comprehensive analysis of Nigerian-Russian bilateral relations**. Abuja: Institute for Peace and Conflict Resolution, 2023. Disponível em: <https://ipcr.gov.ng>. Acesso em: 26 jun. 2025.

BADAWI, Samar. **Russia's strategic penetration of Africa: Narratives, interests and tools**. Cairo: Al-Ahram Center for Political and Strategic Studies, 2024. Disponível em: <https://acpss.ahram.org.eg>. Acesso em: 26 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul**. Brasília, DF: [s.n.], 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/relacoes-internacionais/foruns-internacionais-1/zona-de-paz-e-cooperacao-do-atlantico-sul-zopacas>. Acesso em: 7 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Ciência Tecnologia e Inovações. **Biotecnologia Marinha**. DF: [s.n.], 2016. Disponível em: [https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/ciencia/SEPED/oceanos/\\_marinha/Biotecnologia\\_Marinha.html?searchRef=biotecnologia&tipoBusca=expressaoExata](https://antigo.mctic.gov.br/mctic/opencms/ciencia/SEPED/oceanos/_marinha/Biotecnologia_Marinha.html?searchRef=biotecnologia&tipoBusca=expressaoExata). Acesso em: 7 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Livro Branco de Defesa Nacional**. Brasília, DF: MD, 2020. Disponível em: [https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy\\_of\\_estado-e-defesa/livro\\_branco\\_congresso\\_nacional.pdf](https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/livro_branco_congresso_nacional.pdf). Acesso em: 6 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Defesa. **SisGAaz: Proteção e Monitoramento das Águas Jurisdicionais Brasileiras**. Brasília, DF: [s.n.], [entre 2021 e 2023]. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/sisgaaz-protecao-e-monitoramento-das-aguas-jurisdicionais-brasileiras>. Acesso em: 7 abr. 2025.

BRAUTIGAM, Deborah. **The Dragon's Gift: The Real Story of China in Africa**. New York: Oxford University Press, 2009.

DE PAULA, Isabela. **Sob o comando de Putin, Grupo Wagner é remodelado e inicia nova fase na África.** Gazeta do Povo, São Paulo. 26 fev. 2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/sob-o-comando-de-putin-grupo-wagner-e-remodelado-e-inicia-nova-fase-na-africa/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

EDNEY, Kingsley; ROSEN, Stanley; ZHU, Ying (Org.). **Soft Power with Chinese Characteristics: China's Campaign for Hearts and Minds.** London; New York: Routledge, 2019.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental.** Enciclopédia Britânica, [S. l.], 29 jul. 2025a. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Economic-Community-of-West-African-States>. Acesso em: 9 ago. 2025.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental.** Enciclopédia Britânica, [S. l.], 9 ago. 2025b. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Economic-Community-of-West-African-States>. Acesso em: 9 ago. 2025.

GOLDSTEIN, Andrea; PINAUD, Nicolas; REISEN, Helmut; CHEN, Xiaobao. **China and India: what's in it for Africa?** Paris: OECD Development Centre Studies, 2006. Disponível em: [https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2006/05/the-rise-of-china-and-india\\_g1gh6d95/9789264024427-en.pdf](https://www.oecd.org/content/dam/oecd/en/publications/reports/2006/05/the-rise-of-china-and-india_g1gh6d95/9789264024427-en.pdf). Acesso em: 08 mai. 2025.

HILLMAN, Jonathan E. **The Emperor's New Road: China and the Project of the Century.** New Haven: Yale University Press, 2020.

JORGE, Nedilson (org.). **História da África e Relações com o Brasil.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), 2018.

KAPLINSKY, Raphael; FAROOKI, Masuma; TERHEGGEN, Anne. **Africa's Cooperation with New and Emerging Development Partners:** Options for Africa's Development. Working Paper Series, n. 5. Milton Keynes: International Development Centre, The Open University, out. 2008.

KARDON, Issac B. **China's Maritime Power in the Atlantic.** In: TRANSATLANTIC MARITIME SECURITY SYMPOSIUM, 2, Rio de Janeiro, Escola de Guerra Naval, 2025.

KISSINGER, Henry. **On China.** New York: Penguin Books, 2011.

KOHNERT, Dirk. **The impact of Russian presence in Africa.** Hamburg: German Institute for Global and Area Studies (GIGA), 2022. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssolar-78259-3>. Acesso em: 26 jun. 2025.

KULKOVA, Natalia; SANUSI, Lai. **Russia-Ghana relations in the past and the present: A time-proven partnership**. In: SHADRINA, Elena (ed.). *Russia's Return to Africa: Strategy and Prospects*. Moscow: Institute for African Studies, 2016.

KUO, Steven C. Y. **Chinese Peacebuilding in Liberia as soft-power projection: perspectives from Monrovia**. *African East-Asian Affairs -The China Monitor*, Stellenbosch, n. 4, dez. 2013. Disponível em: <http://aeaa.journals.ac.za>. Acesso em: 05 ago. 2025.

MCCASKIE, T.; FAGE, J.D. **Western Africa**. In: 9 mar. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/western-Africa>. Acesso em: 10 maio 2025.

MILES, Kenny. **BRICS**. In: *Enciclopédia Britânica*. 8 ago. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/BRICS>. Acesso em: 10 ago. 2025.

MINGST, Karen A. **Princípios das relações internacionais**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 5. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

NASSER, Reginaldo Matar; MORAES, Rodrigo Fracalossi de (org.). **O Brasil e a Segurança no seu Entorno Estratégico: América do Sul e Atlântico Sul**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2014.

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. **O que foi a Guerra Fria?**. *National Geographic Brasil*, São Paulo, v. 10, n. 5, p. 45-52, 7 nov. 2022. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/11/o-que-foi-a-guerra-fria>. Acesso em: 26 jun. 2025.

NYE, Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. New York: PublicAffairs, 2004.

OFONGO, Tari M.; ONUOHA, Chijioko B. **The emergence of Russia in West Africa: Implication on Nigeria's national security**. *International Journal of Humanities Social Science and Management (IJHSSM)*, v. 5, n. 2, mar./abr. 2025. Disponível em: <http://www.ijhssm.org>. Acesso em: 26 jun. 2025.

ONUBA, Chinwe Obiora; NDUBUISI, Uchechukwu. **An analysis of the structure and characteristics of Chinese investment in Africa: a case study of Nigeria**. *Global Journal of Human-Social Science*, [S.l.], v.5, n. 1, 2019. Disponível em [https://scholar.google.com.br/scholar?q=An+Analysis+of+the+Structure+and+Character+of+Nigeria-China+Oil+Bilateral+Relations,+2008-2018&hl=pt-BR&as\\_sdt=0&as\\_vis=1&oi=scholart](https://scholar.google.com.br/scholar?q=An+Analysis+of+the+Structure+and+Character+of+Nigeria-China+Oil+Bilateral+Relations,+2008-2018&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholart). Acesso em: 8 mai. 2025.

OYERANTI, Olugboyega A.; BABATUNDE, M. Adetunji; OGUNKOLA, E. Olawale; BANKOLE, Abiodun S. **China-Africa Investment Relations: A Case Study of Nigeria**. 2010. Final Report - Trade Policy Research and Training Programme, Department of Economics, University of Ibadan, Ibadan, Nigéria, 28 fev. 2010.

RAMANI, Samuel. **Russia and China in Africa: Prospective Partners or Asymmetric Rivals?**. Johannesburg: South African Institute of International Affairs (SAIIA), 2021.

RAMANI, Samuel. **Russia in Africa: Resurgent great power or bellicose pretender?** New York: Oxford University Press, 2023.

RICCARDI, Lorenzo; RICCARDI, Giorgio. **China in Africa: FDI, Tax and Trends of the New African Geo-economics**. Singapore: Springer, 2021.

RUNDE, Daniel F.; HARDMAN, Austin; BONIN, Clara. **Responding to China's Growing Influence in Ports of the Global South**. Washington, D.C.: Center for Strategic and International Studies (CSIS), 2024.

RUSSELL, Martin; PICHON, Eric. **Russia in Africa: A new arena for geopolitical competition**. Brussels: European Parliamentary Research Service (EPRS), 2019. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/thinktank>. Acesso em: 26 jun. 2025.

SILVA, Antônio Ruy; DAWOOD, Layla, **O Conceito de Entorno Estratégico Brasileiro: um diálogo entre as geopolíticas prática e formal**, Revista Brasileira de Estudos de Defesa, Niterói, v. 10, n. 1, p. 141-165, jan./jul. 2023.

SILVA JUNIOR, Vannei de Almeida. **A Geopolítica chinesa para África: impactos para a projeção brasileira na costa ocidental da África Austral**. 2022, Monografia (Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia), Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, 2022.

SOUZA, Alexandre; MONTEIRO, Marcus. **A Importância do Atlântico Sul como Entorno Estratégico**. Observatório Militar da Praia Vermelha. Rio de Janeiro: ECEME, 2021. Disponível em: <http://ompv.eceme.eb.mil.br/geopolitica-e-defesa/geopolitica-e-capacidades-nacionais-de-defesa/423-aim>. Acesso em: 6 abr. 2025.

TREVELYAN, Mark. **Yevgeny Prigozhin crossed Putin's red lines with Wagner revolt**. Reuters, Londres, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/obituary-yevgeny-prigozhin-crossed-putins-red-lines-with-short-lived-wagner-2023-08-24/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

WALKER, Christopher; LUDWIG, Jessica. **Sharp Power: Rising Authoritarian Influence**. In: *Sharp Power: Rising Authoritarian Influence*. Washington, DC: National Endowment for Democracy, International Forum for Democratic Studies, dez. 2017. p. 4-24.

WASSERMAN, Herman (org.). **Reporting China in Africa: media discourses on shifting geopolitics**. London; New York: Routledge, 2020.

## ANEXO A – FIGURAS

Figura 1 – Países da África Ocidental



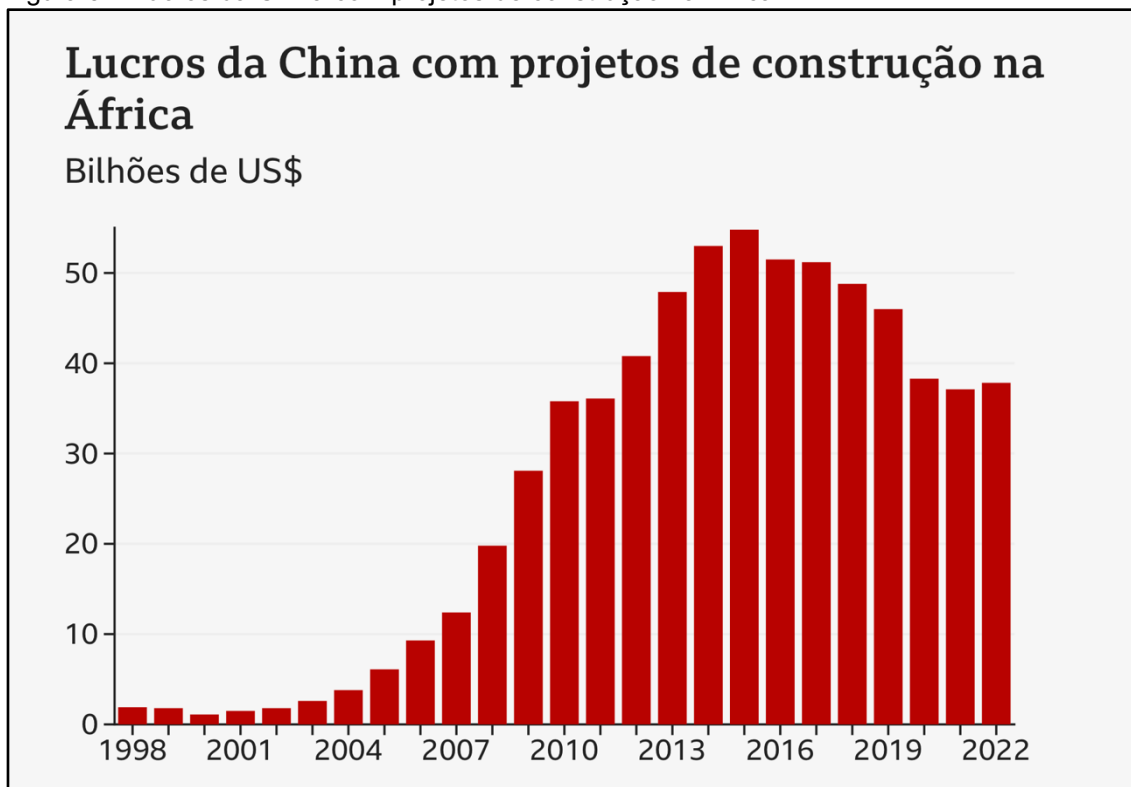
Fonte: Enciclopédia Britannica, 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/western-Africa>. Acesso em: 10 mai. 2025.

Figura 2 – Regiões Geográficas da África



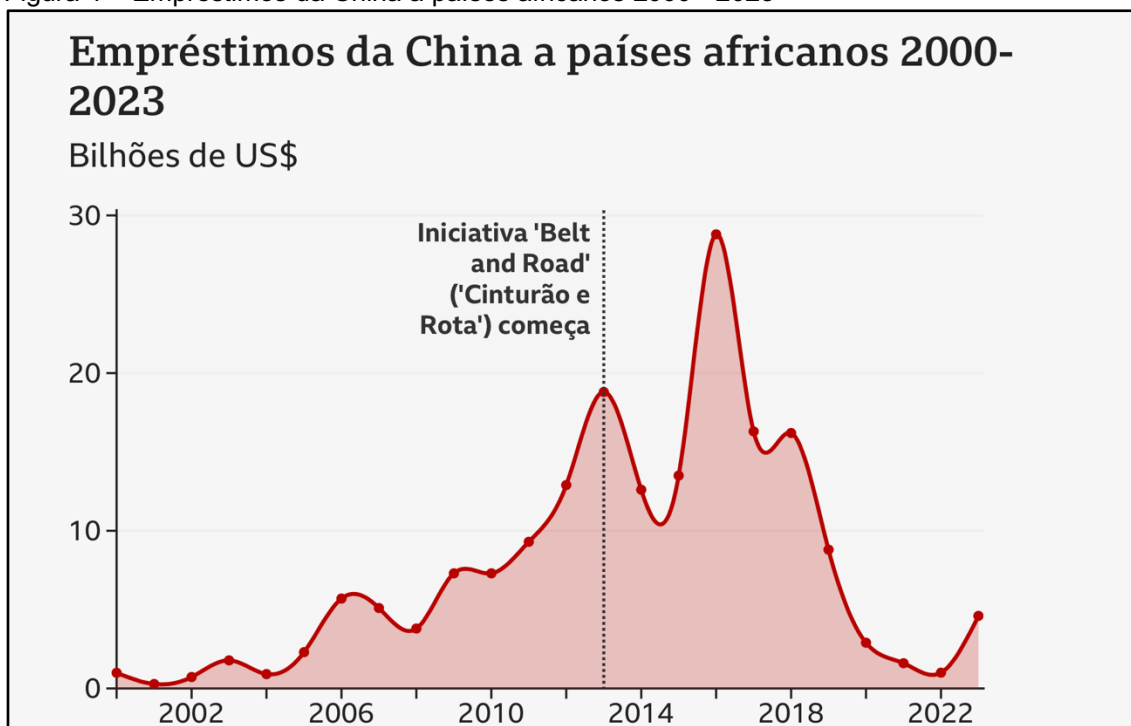
Fonte: Toda Matéria, 2025. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/paises-da-africa/>. Acesso em: 10 mai. 2025.

Figura 3 – Lucros da China com projetos de construção na África



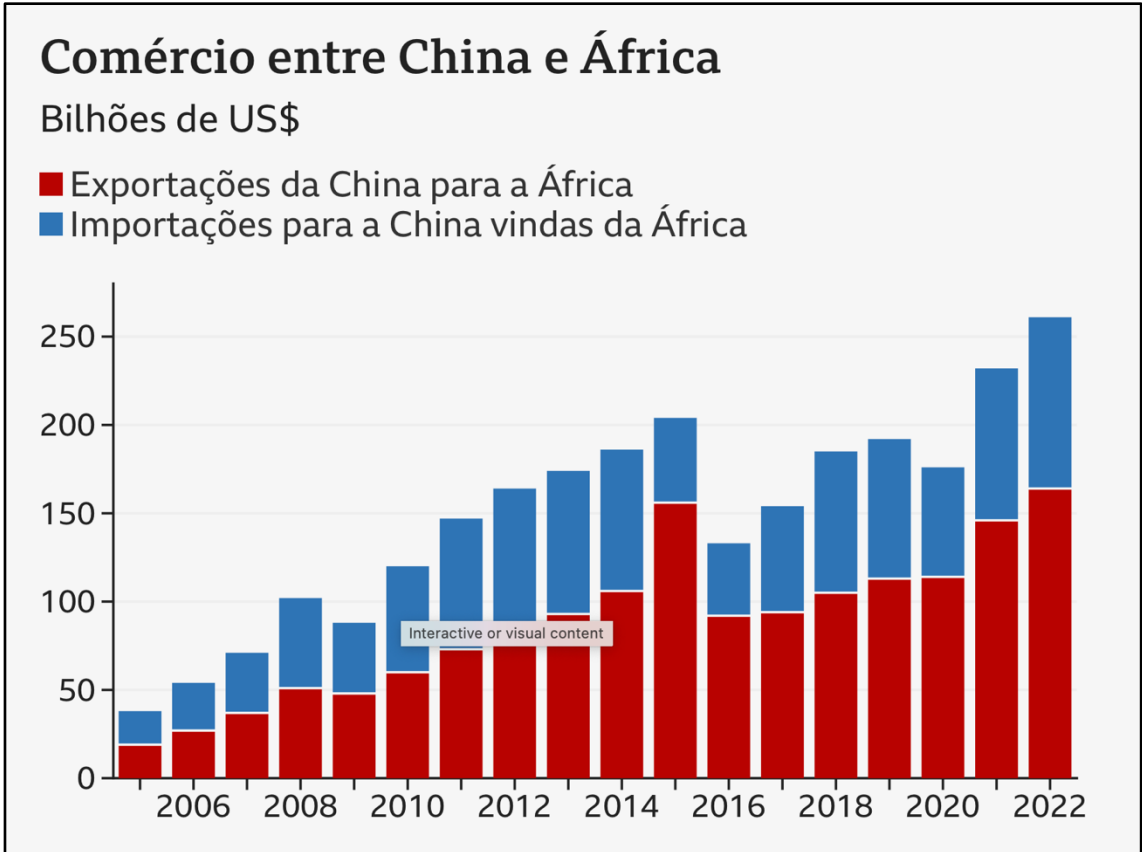
Fonte: BBC NEWS Brasil, 2025. Disponível em:  
<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c5ye24dd0w9o>. Acesso em: 07 jun. 2025.

Figura 4 – Empréstimos da China a países africanos 2000 - 2023



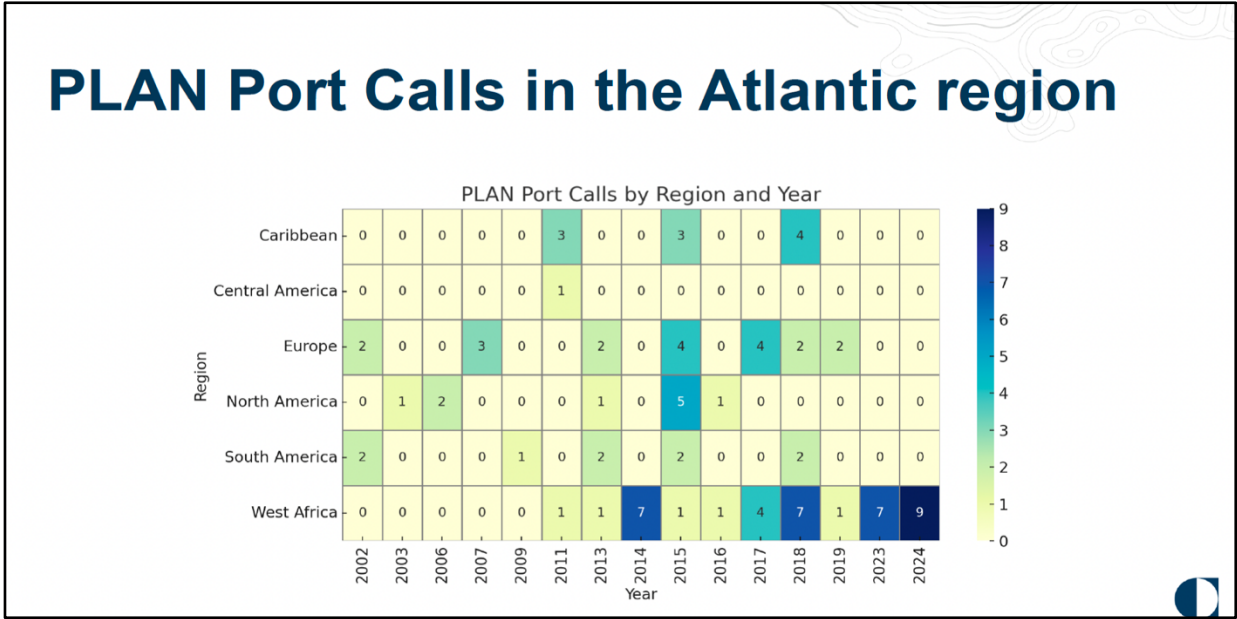
Fonte: BBC NEWS Brasil, 2025. Disponível em:  
<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c5ye24dd0w9o>. Acesso em: 07 jun. 2025.

Figura 5 – Comércio entre China e África



Fonte: BBC NEWS Brasil, 2025. Disponível em:  
<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c5ye24dd0w9o>. Acesso em: 07 jun. 2025.

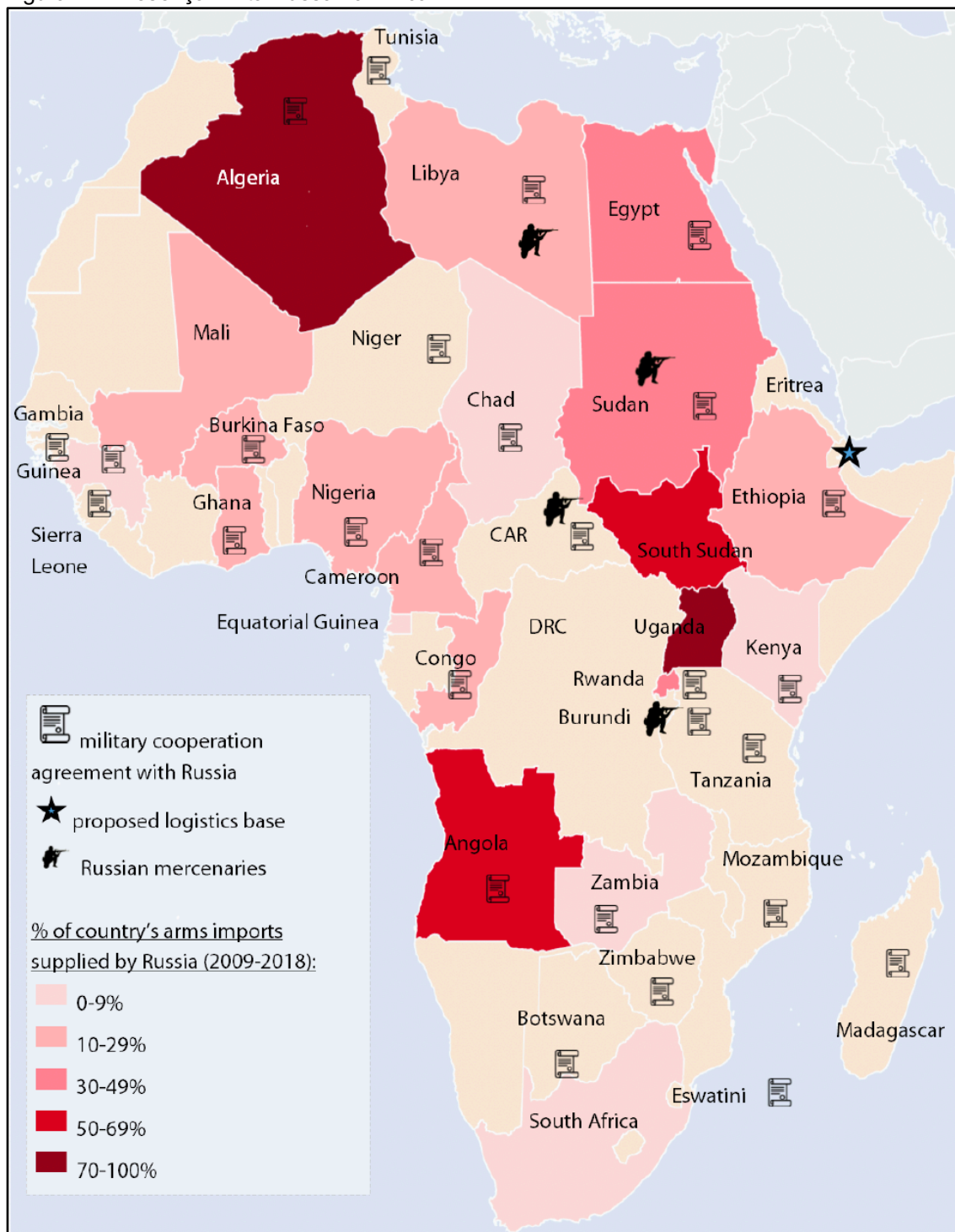
Figura 6 – N°. de escalas portuárias da PLAN no Atlântico 2002-2024



Fonte: Kardon, 2025.

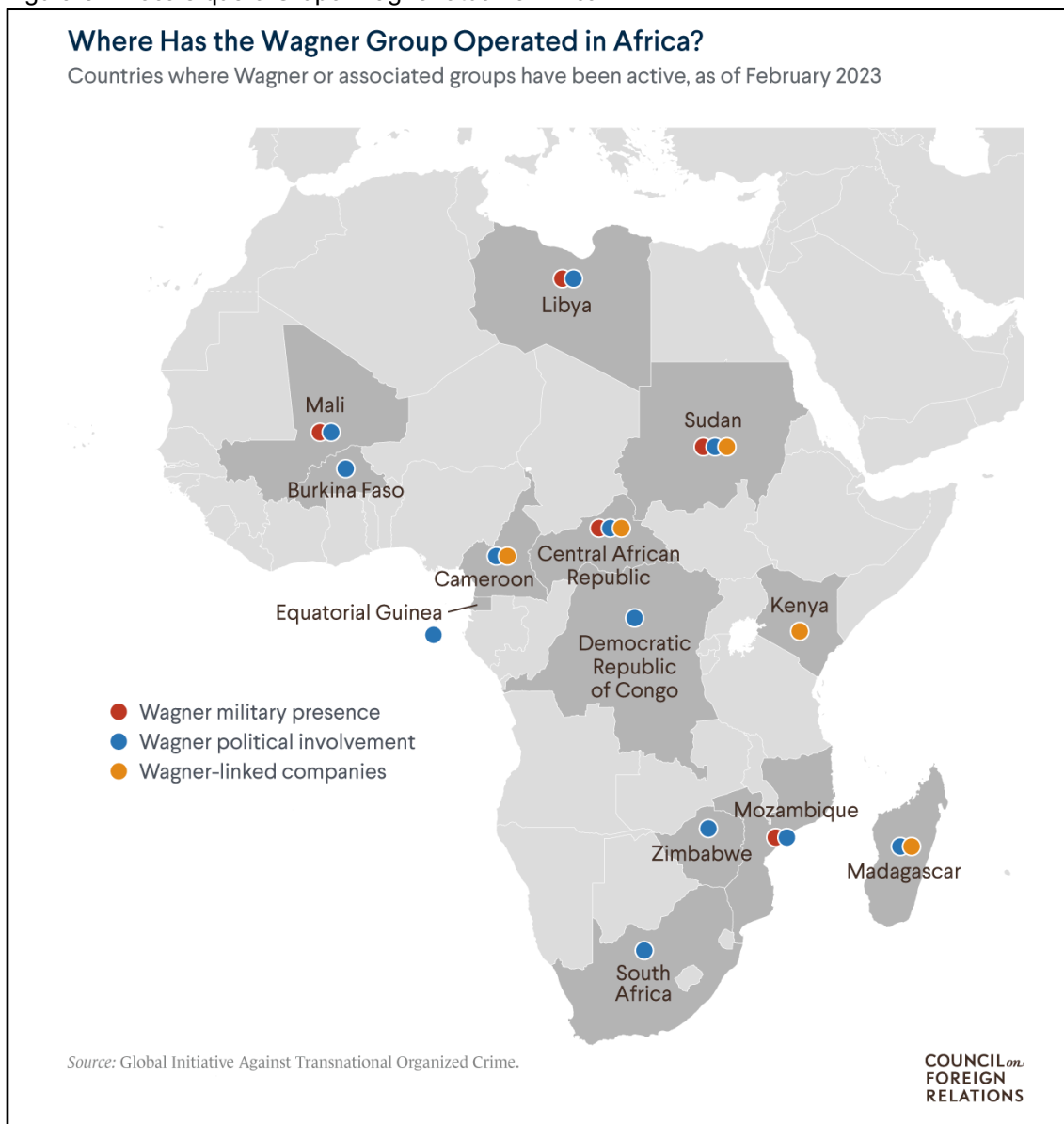


Figura 7 – Presença militar russa na África



Fonte: Russell; Pichon, 2019.

Figura 8 – Locais que o Grupo Wagner atua na África



Fonte: Council on Foreign Relations, 2023. Disponível em: <https://www.cfr.org/in-brief/what-russias-wagner-group-doing-africa>. Acesso em: 21 jun. 2025.

Figura 9 – Mapa Regional das Campanhas de Desinformação na África



Fonte: Africa Center For Strategic Studies, 2024.